

HISTÓRIAS DO ZICO

O Cabeça Branca do Banco do Brasil



MEMÓRIAS E LEGADOS DE
Esequiel Garcia de Almeida

ORGANIZAÇÃO
Marcelo Guidio de Almeida . Wilhan Santin

HISTÓRIAS DO ZICO

O Cabeça Branca do Banco do Brasil



MEMÓRIAS E LEGADOS DE
ESEQUIEL GARCIA DE ALMEIDA
(1923 – 2007)



TEXTOS

Alderí Luiz Ferraresi
André Guidio de Almeida
Carmen Garcia de Almeida
Celso Vasques dos Reis Portella
Consuelo Vasques dos Reis Portella
Elsie Machado de Almeida
Leonan Braga
Luana Machado de Almeida
Lucas de Almeida Paes de Melo
Marcelo Guidio de Almeida
Marcio José de Almeida
Marcos José de Almeida
Maria Ângela Bandini
Maria Eneida de Almeida
Maria Inês de Almeida
Marlene de Rezende Ambrósio
Nelson Bravo
Pedro Machado de Almeida
Romeu Ambrósio
Sandra Graça
Silvandira Ferraresi de Almeida
Vera Vasques dos Reis Portella
Willhan Santin

HISTÓRIAS DO ZICO

O Cabeça Branca do Banco do Brasil



MEMÓRIAS E LEGADOS DE
ESEQUIEL GARCIA DE ALMEIDA
(1923 – 2007)



ORGANIZAÇÃO
Marcelo Guidio de Almeida
Wilhan Santin

Copyright © 2023 Marcelo Guidio de Almeida e Wilhan Santin (organização)

ISBN 978-65-00-70799-1

Londrina - 2023

1ª Edição

Edição do autor

ORGANIZAÇÃO:

Marcelo Guidio de Almeida e Wilhan Santin

ARQUIVO FOTOGRÁFICO

Dos autores

IDEALIZAÇÃO

Marcio Almeida

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Visualità Gestão em Design Gráfico

REVISÃO

Vera Portela, Carmen Garcia de Almeida e Isabella Ferreira

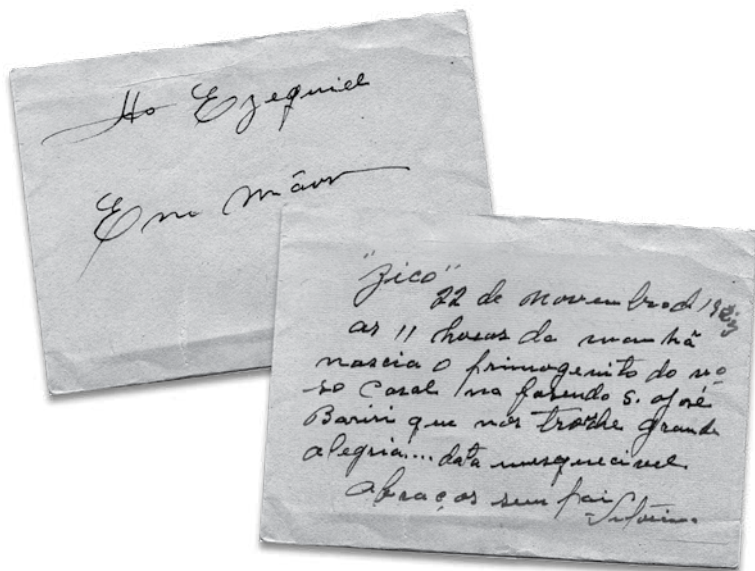
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária Zoraide Gasparini CRB/91529

A446h ALMEIDA, Esequiel Garcia de
Histórias do Zico: o cabeça branca do Banco do Brasil/
Esequiel Garcia de Almeida; Marcelo Guidio de Almeida
Wilhan Santin (org.) . –
Londrina: Edição do autor, 2023. –
118 p.; 17 x 23 cm.

ISBN: 978-65-00-70799-1

1. Biografia Pioneiro – Paraná. 2. Bancário. 3. Contador. 4.
Desbravador. I. Almeida, Marcelo Guidio. II. Santin, Wilhan.
III. Título.

CDD: 657.092



“Zico”

22 de novembro de 1923 as 11 horas da manhã nascia o primogenito do nosso casal na Fazenda São José Bariri que nos trouxe grande alegria... data inesquecível.

Abraços seu pai Victoriano



Este singelo cartão, de poucas palavras e muita emoção, foi escrito por Victoriano, pai de Ezequiel, no dia em que o menino nasceu. Recebe então, inclusive por escrito, o apelido de “Zico”.

No envelope, o pai, feliz pelo nascimento do filho, escreve “em mãos”, deixando claro que aquelas palavras chegariam a Ezequiel – que ele grafou com z – assim que o filho pudesse ler.

O cartão recebe o devido cuidado e atravessa o século, até ser encontrado por Maria Inês, filha de Ezequiel.

Na transcrição, a grafia e a pontuação de Victoriano, são mantidas. A autenticidade ali presente é sinônimo de amor.

Da mesma forma, os relatos escritos dos diversos autores são preservados para não perder o tom coloquial e amoroso dos textos.

Í N D I C E

APRESENTAÇÃO

Esequiel, um homem à frente de seu tempo 8

Por Wilhan Santin – Amigo

INTRODUÇÃO

Capacete Branco 11

Por Lucas de Almeida Paes de Melo - Neto

De 1923 a 1977 – Um resgate dos documentos guardados com cuidado por toda sua vida 17

Por Maria Eneida de Almeida - Filha

A saga de Esequiel 31

Por Marcos José de Almeida – Filho

Um aniversário inesquecível 37

Por Maria Inês de Almeida – Filha

As mãos do papai 40

Por Maria Eneida de Almeida – Filha

Gratidão 49

Por Marcio José de Almeida - Filho

Ah, aquele pente... 68

Por Marcelo Guidio de Almeida – Neto

Meu avô 71

Por André Guidio de Almeida - Neto

Altivo e rigoroso, tinha um grande coração 74

Por Pedro Machado de Almeida - Neto

Razão de minhas raízes sólidas 77

Por Luana Machado de Almeida - Neta

Meu irmão Esequiel... quem foi? 79

Por Carmen Garcia de Almeida – Irmã

Seu Esequiel, uma pessoa especial	82
<i>Por Elsie Machado de Almeida - Nora</i>	
Lembranças do Zico	84
<i>Por Maria Ângela Bandini - Sobrinha</i>	
Esequiel Garcia de Almeida – o saldo de uma vida maravilhosa	86
<i>Por Alderi Luiz Ferraresi</i>	
Enorme saudade de você, “Seu Zico”	89
<i>Por Vera Portella – Amiga, quase filha</i>	
Meu segundo pai	89
<i>Por Consuelo Portella – Amiga</i>	
Um livro de boas lembranças	90
<i>Por Celso Portella – Filho de Dona Dulce e do Sr. João Portella</i>	
Amigo é coisa pra se guardar... ..	92
<i>Por Nelson Bravo – Amigo</i>	
Companheiro de trabalho exemplar!	100
<i>Por Leonan Braga – Amigo</i>	
Senhor Esequiel na brisa do mar	102
<i>Por Marlene de Rezende Ambrósio - Amiga</i>	
Esequiel: presença constante na memória	103
<i>Por Romeu Ambrósio - Amigo</i>	
Esequiel empresta o nome a uma avenida	104
<i>Por Sandra Graça – Vereadora e amiga da família</i>	
Esequiel,	106
<i>Por Silvandira Ferraresi de Almeida - Esposa</i>	
Árvore Genealógica da Família Garcia de Almeida	114
<i>Breve histórico desta representação inacabada da árvore genealógica da Família Garcia de Almeida</i>	

A P R E S E N T A Ç Ã O

Esequiel, um homem à frente de seu tempo

por **Wilhan Santin** – *Amigo*

Em janeiro de 1944, quando chegou a Londrina, Esequiel Garcia de Almeida ainda não tinha completado 21 anos de idade e encontrou uma cidade cuja colonização havia começado apenas 15 anos antes, em 1929, com o início do trabalho da Companhia de Terras Norte do Paraná, empresa de capital britânico que fez da “Filha de Londres” o primeiro núcleo urbano de um grande projeto que abrangia uma área de 515 mil alqueires paulistas.

A Londrina que Esequiel passou a habitar tinha completado nove anos de emancipação apenas um mês antes, em 10 de dezembro de 1943. Na cidade, moravam aproximadamente 15 mil pessoas, pois o censo de 1940 registrara 11.175 residentes na área urbana e 19.103 na zona rural.

Aquele rapaz chegava do interior de São Paulo para fazer parte da primeira turma de funcionários da Agência do Banco do Brasil, que seria inaugurada na então pequena cidade.

Esequiel era jovem, inteligente e possuía um dom atualmente muito valorizado no mundo corporativo: a liderança. Conquistava pelo exemplo, trabalhando com seriedade, afinho, dedicação e pelo fino trato, sempre educado e polido.

Quando se casou com Silvandira, em 1947, encontrou a companheira perfeita para a construção de sua carreira profissional no banco e, pouco mais tarde, como empreendedor. Ela era mulher de fibra e notável inteligência. Construíram uma bela família.

Esequiel acompanhou o crescimento de Londrina e participou do início de Umuarama e dos primeiros anos de Paranavaí e Arapongas.

Impulsionada principalmente pelas lavouras de café, Londrina começou a se transformar, nos anos 1970, em uma cidade prestadora de serviços.

O Censo de 1970 registrou 163.528 habitantes na área urbana de Londrina e 64.573 na área rural, totalizando 228.101 munícipes.

Uma década depois, em 1980, o Censo registraria 266.940 pessoas vivendo na área urbana do município. Um acréscimo de mais de 100 mil habitantes em apenas dez anos. Enquanto isso, na zona rural, os moradores diminuíram, chegando a 34.771. População total: 301.711.

O grande aumento de pessoas vivendo na cidade de Londrina foi impulsionado pela geada negra de 18 de julho de 1975 que dizimou os cafezais do Paraná e mudou o perfil das lavouras da região, nas quais os grãos, como soja, milho e trigo, passaram a predominar.

Dados do Corpo de Bombeiros e da Prefeitura de Londrina mostram que, entre 1970 e 1980, foram construídos 131 edifícios com mais de quatro pavimentos na cidade. Atento, Esequiel percebeu que tantos condomínios precisariam de pessoas competentes para fazer a gestão de tudo o que envolve a administração, daí fundando a pioneira Contrat Predial, em 1977.

E ele estava certo. Logo conquistou os primeiros clientes e viu a verticalização em Londrina ter um crescimento vertiginoso. Hoje chamam isso de “visão empresarial.” Entre 1981 e 1990 foram construídos 939 prédios com mais de quatro pavimentos na cidade. Não faltaram clientes para a empresa de Esequiel.

Em 1949 veio o primeiro filho, Marcio. Três anos depois, em 1952, nasceram os gêmeos Marcos e Maria Inês. A “raspa do tacho”, Maria Eneida, nasceu em 1958. A partir de 1976 chegaram os netos Marcelo, André, Luana, Pedro e Lucas.

Ele também seria pai à frente do tempo, dando aos filhos liberdade e apoio. E avô-educador, que não “estragava” os netos, mas ensinava a eles a importância da disciplina, da organização, de saber elogiar – “um colosso”, era um de seus adjetivos preferidos – e respeitar, sem perder a ternura.

Para muitos parentes foi um “segundo pai” e para os amigos, verdadeiro irmão.

Com os fartos cabelos que ficaram brancos até precocemente, era conhecido como o “Cabeça Branca do Banco do Brasil” ou “Capacete Branco.” Nunca se importou com os apelidos, tendo-os como forma carinhosa de ser tratado pelos mais próximos. Para alguns familiares, era simplesmente “Zico”.

Os depoimentos reunidos neste livro formam uma bela e verdadeira biografia de Esequiel Garcia de Almeida, homem que virou nome de avenida e deixou um legado de paixão pelo trabalho, espírito empreendedor e amor à vida. Na edição, preservamos ao máximo a originalidade de cada autor.

Vale atenção especial ao último texto, uma carta que Silvandira escreveu para Esequiel em 18 de novembro de 1975, quando completaram 28 anos de casados. Uma missiva de amor capaz de arrancar bons elogios dos atuais terapeutas de casais. Na verdade, o casal estava à frente de seu tempo.

BOA LEITURA.

I N T R O D U Ç Ã O

Capacete Branco

por **Lucas de Almeida Paes de Melo** – *Neto*



Um homem de outro tempo
Vovô hoje está no céu,
Zico para os íntimos
Para a Rua, Esequiel

Como seu neto mais novo,
Aprendi desde bem cedo
Cabelo bom é arrumado,
Com seu pente “tira sebo”

Todo dia, quando podia
Antes do tão esperado almoço,
Com queijinho ele degustava
Um “whiskynho” a tira-gosto

Sua paixão era o arroz
Uma, duas, três colheradas
A panela toda, se deixassem
No prato não sobrava nada

Sobremesa sempre tinha
Uva, tangerina, figo
Debruçado sobre a mesa,
Alargava seu umbigo

Me lembro da primeira vez
Que ouvi a palavra colosso
Foi vovô me ensinando
A adjetivar a vida com gosto

Com ele também aprendi
Que dinheiro não é brinquedo
“Dê sempre que possível”
Por caridade, ajuda e zelo

E como não se lembrar
De seu amor pelos caninos,
“O melhor amigo do homem”
Repletos dos seus mimos



Papucha, Calica, Thaty,
tinham a sua atenção total,
Passeios, mimos, chocolate,
Dedicação integral

Com o tempo veio o tempo
Diabetes, alzheimer e afins
Sob cuidados atentos,
Veio Deus, “confia em mim”

Vovô se despediu de nós
Para seguir sua trajetória
Por tê-lo em nosso sangue,
Como é rica a nossa história

Cabeça branca era a sua marca
Suspensório e boina xadrez
Vejo seus traços em mim
Acho que chegou a minha vez



Sentadas na grama: Maria Ines, Salete, Lucia, Carmen, Deise, Eneida e Marcos. Sentadas no banco: Sivana, no colo da minha avó Maria Inacia, Mamãe (Maria Júlia), tia Silvandira, tia Theresinha e tia Ignêz. Em



pé: Marcio, Papai (Arídio), tio Zico, Vovô Victoriano, tio Olímpio, tio Neco e tia Pequena (Elvira).
Chácara Vila Formosa, Bauru, 1962/63. (Foto enviada por Silvana Garcia de Almeida Paleari - agosto/2023)



Formatura do Ginásio, Bauru, 1942.

De 1923 a 1977

Um resgate dos documentos guardados com cuidado por toda sua vida

por **Maria Eneida de Almeida** – *Filha*

Papai nasceu em 22 de novembro de 1923, às 11 horas, na Fazenda São José, no município de Bariri, estado de São Paulo. Era filho primogênito de Victoriano Garcia de Almeida e Aparecida Bollini.

Os avós paternos eram João Garcia de Almeida e Júlia Garcia Teixeira. E os avós maternos, José Bollini e Elvira Bastazini, de acordo com o documento “Certidão de Nascimento” original nº 747 + via 1940. Papai teve registros de seu nome, dos mais variados. Neste documento está registrado como “Esiquiel”.

Em 6 de dezembro de 1923, Papai foi batizado na Paróquia Nossa Senhora das Dôres, de Bariri, e seus padrinhos, João Bollini e Guilhermina Maria Bollini, de acordo com a Certidão de Batismo. Neste documento, Papai está registrado como “Esechiel”.



Esequiel. com os pais, 1928



Em 1º de outubro de 1940, Papai tirou sua primeira Carteira de Identidade no Serviço de Identificação do Gabinete de Investigações do Estado de São Paulo, com o nome grafado Ezequiel.

Em 1941, Papai entrou para a Escola de Soldados do Ministério da Guerra, em Bauri, com a matrícula 81, sendo sócio atirador nº 82.





Em 14 de agosto do mesmo ano, se formou Reservista de 2ª Categoria e recebeu Certificado de Reservista em 26 de agosto, comprometendo-se a se apresentar mediante mobilização.

Em 19 de dezembro de 1942, Papai se formou na 5ª série, no Ginásio do Estado na cidade de Bauru.





Remo Ferrarese foi pioneiro em Londrina, Irerê e Umuarama, instalando, junto de seu irmão Spartaco Ferrarese, duas das primeiras serrarias do Norte do Paraná. Vide “A História dos Ferrarese” escrito por Wilhan Santin, obra que relata a vinda de uma família italiana para o Brasil no início do século XX, revisada por Silvandira e o primo Alderi, filho de Spartaco [SANTIN, Wilhan – A história dos Ferrarese / Wilhan Santin. — Londrina: Midiograf, 2018).

Sempre junto da esposa, Papai construiu uma vida devota às origens católicas da família. Participou de ciclos de Cursilhos vinculados à Paróquia da Catedral de Londrina.

Era devoto de Santa Filomena. Em 1959, a família distribuiu um folheto de convite para a benção da imagem de Santa Filomena em Dia de Finados, em frente à casa onde o casal Victoriano e Aparecida criou a família, em Bariri.

Nessa ocasião, Papai doou uma imagem de Santa Filomena para a Igreja de Bariri.



Papai cursou ginásial completo e dois anos de Contabilidade. Ingressou no Banco do Brasil por concurso público, onde fez uma trajetória de 32 anos.

Exerceu os seguintes cargos:

1 - Chefe de Serviço da Carteira Agrícola na Agência de Londrina, de fevereiro de 1951 a janeiro de 1958;

2 - Gerente da Agência de Paranaíba, de fevereiro de 1958 a julho de 1959;



PRECES A SANTA FILOMENA

Prostrado junto de vosso altar, ó gloriosa Santa Filomena, cheio de confiança me dirijo a Vós na certeza de que acolhereis benignamente a minha súplica e me concedereis as graças que neste momento imploiro.

Santa de minha particular devoção, rogai por mim.

Com o coração perturbado pela angústia, sob o peso da dor e oprimido pela desventura, tenho necessidade do vosso auxílio. Vinde em meu socorro, ouvi a minha oração.

Virgem Santa, rogai por mim.

Cansado de chorar, sem conforto de ninguém, privado de esperança, sozinho, oprimido sob o peso das tri-

bulações, volto para vós os olhos, cheio de confiança de que a minha súplica será por vós bem acolhida.

Santa do céu, rogai por mim.

Reconheço profundamente que a causa de tantos males foram os meus gravíssimos pecados. Virgem poderosa e santa, obtende-me de Deus perdão para eles e infundi na minha alma um grande amor a Jesus.

Ó doce Santa, rogai por mim.

Dignai-vos, Virgem benígna, baixar os olhos sobre esta casa e a minha família, sori aos vossos devotos, enxugai as lágrimas de todos os que choram, infundi no meu peito um raio de esperança e dai-me a paz, a saúde e a salvação.

Virgem amável rogai por mim.

Vede como estou pobre e necessitado de graças. Não me abandoneis, pois, vós que sois poderosa junto de Deus, e apartai de mim a tristeza e a desolação. Dai paz à minha alma, afastai para longe os perigos, sustende os castigos de Deus, abençoai a minha casa, a minha família e os vossos devotos e concedei-me a graça de vos sentir sempre perto de mim.

O bom Santa, não me abandoneis, e rogai a Deus por mim.

Senhor, pelos sofrimentos e martírio da vossa Virgem, tende piedade de mim!

Imprimatur

Londrina, 24/8/37

† Geraldo, Bispo de Londrina



SANTA FILOMENA

Virgem e Mártir

Imagem que se venera em
MUSIANO DEL CARDINALE

(Avezzano - Italia)



Funcionários da agência do BB em Londrina. Década de 1940.

3 – Gerente da Agência de Arapongas, de julho de 1959 a junho de 1962;

4 – Chefe de Serviço da Agência de Londrina, de junho de 1967 a novembro de 1975, quando se aposentou, tendo atuado nos seguintes setores: financiamento de café, envolvendo todas as espécies de negócios: títulos descontados, redescontos, caução de duplicatas, empréstimos em conta-corrente e cobrança em geral. Por várias vezes, exerceu interinamente a Subgerência da Agência de Londrina.

Durante os primeiros quinze anos que serviu no Banco do Brasil, destacou-se por chefiar a Carteira de Crédito Agrícola Industrial (CREAD), atendendo diretamente os cafeicultores e a produção agropecuária.

A partir do final da década de 1950, foi nomeado gerente do Banco do Brasil em várias cidades do Norte do Paraná, como Paranavaí, Arapongas e Cambé. Era a era do “ouro verde”, do café, que rendia muitas divisas para o estado do Paraná e para o Brasil.

Papai vivenciou os ciclos do café, as marcas de sucesso e as marcas frias, como as geadas negras, que queimaram cafezais, e vivenciou o golpe de 1964 e seus efeitos na vida social, profissional e familiar.

Depois de aposentado, no período de novembro de 1975 a agosto de 1976, exerceu o cargo de Diretor-Gerente da Cia. de Automóveis Mayrink Góes. Após toda essa vida dedicada ao trabalho, deu continuidade a um trabalho, antes esporádico, com Ações do Banco do Brasil (bonificação, subscrição e dividendos) em pequena escala e por conta própria.

Mas o que lhe rendeu mais uma vida de dedicação ao trabalho foi, a partir de 1977, abrindo o primeiro escritório de administração de condomínios residenciais. Os primeiros clientes foram: Edifício Arthur Thomas, Edifício Igapó, Edifício Queen Elizabeth, Edifício Ouro Fino, Edifício Líder, e Edifício Guanabara.

Chapecó (SC), julho 2022.



João Garcia de Almeida e Julia Teixeira com 10 dos seus 11 filhos.
Da esquerda para a direita: Alquilia, Generosa, Izaura, Alice, Maria,
Antonio, Ciro, Victoriano, Thyrso e Nestor (Astor).



Vovô João e Vovó Júlia com os netos. Esequiel está em pé atrás do seu avô.



João Garcia de Almeida



Victoriano com os filhos, da esquerda para a direita: Olímpio, Elvira, Carmen, Arídio e Esequiel. Chácara Vila Formosa, Baurú, 1965.



Esequiel com Silvandira, filhos e netos.
Marcos, Elsie, Maria Inês, Henriqueta, Marcio, Luana, Marcelo, Eneida,
Pedro, André e Lucas. Londrina, 21/9/1991

A saga de Esequiel

por **Marcos José de Almeida** – Filho

Idos da década de mil novecentos e trinta. O Norte do Paraná era território inóspito e vasto. A floresta da Mata Atlântica se estendia nas quatro direções, somente habitadas por aldeamentos indígenas e pela fauna/flora riquíssimas. Com a infraestrutura para ser construída, um substrato fundamental se destacava: a terra fértil ao alcance das mãos. E a disposição de mãos para o trabalho com vontade se fez presente.

Nada de terra devoluta, se tomava posse mediante um modelo capitalista fundiário britânico que foi implantado naqueles primórdios. Os ingleses adquiriram a região toda e mediante o marketing algo arcaico da época anunciaram os interesses nas praças da Europa. Impressos expostos nos lugares de passagem, estações e outros atraíram as atenções.

Da Alemanha, em Koblenz, um padre alemão – José Kentenich – que dirigia um seminário palotino, tomou conhecimento do potencial daquele torrão na América do Sul distante. Afinal, a Argentina, o Uruguai, o Chile eram mais longe ainda. Em 1935, o padre enviou um grupo de doze freiras, as pioneiras que fundaram o primeiro colégio – o Mãe de Deus –, cujas estruturas estão hoje fincadas num quarteirão inteiro no coração da cidade.

Regimes totalitários vicejavam na Europa e, em 1942, aquele padre, que tinha ousado investir num território sob influência britânica se tornou “inimigo” do regime nazista indo parar em Dachau, campo onde eram internados os envolvidos em religião. Saiu vivo e ainda visitou Londrina duas vezes antes de 1950, quando, a partir daí, sua obra educacional se irradiou.

Os britânicos, que haviam adquirido toda a região até muito além da Maringá de hoje, totalizando 515.000 alqueires paulistas, lotearam tudo em glebas, patrimônios e cidades. Nas glebas exploradas, a produtividade do que se plantava era excepcional. Após o ciclo da madeira, a terra estava pronta para o cultivo, e a infraestrutura começou a subir, a partir da renda agregada das roças, sítios e fazendas.

Na década de mil novecentos e quarenta, a infra já estava melhorando, a urbe ramificando-se em ruas e praças, até avenidas. A linha de trem despejava o povo que chegava, e levava embora as toras de madeira para São Paulo e o Porto de Santos.

Esequiel chegou a Londrina em 21 de janeiro de 1944, compondo o núcleo inicial do Banco do Brasil, formado por nove funcionários recém-contratados, todos do interior paulista. Tinha 20 anos e cumprira o Tiro de Guerra, que o levou de Bauru, no interior de São Paulo, à capital daquele Estado, onde o concurso o selecionou e indicou a direção da emergente e, ao mesmo tempo sertaneja, Londrina.

Ele fez parte de uma leva de desbravadores que vinham trazendo serviços urbanos e a tecnologia financeira da época. Afinal, apenas com recursos de financiamento e reserva de valores do governo federal é que se podia cogitar avançar.

Getúlio Vargas, que tinha “namorado” com o Eixo nazifascista – e acabou se acertando com os Aliados –, tinha o Banco do Brasil em elevada conta para o desenvolvimentismo nacional. O Norte do Paraná não podia ficar de fora. Disposição Esequiel tinha muita e vestiu a

camisa do banco pra valer. O ambiente de negócios e as derivações do comércio se tornaram efervescentes em Londrina.

Esekiel admirava as construções nascentes na cidade que crescia e que propiciavam uma sociedade semifábrica, bem como estimava muito a sociedade agrária, fruto dos processos de financiamento com que lidava no banco estatal criado ainda no Império. O germe ficou naquela cabeça que admirava investimentos, fossem na terra, fossem nas obras civis, e o próprio banco construiu sua nova agência. Depois viriam os prédios com que, aposentado do banco, anos depois viria a trabalhar mais de perto, no funcionamento e gestão de edifícios residenciais.

Outros setores da economia secundária e terciária chegaram e se instalaram. A saúde já havia desde os anos 1930, com serviços inicialmente precários mas já presentes, e foi crescendo. As viaturas, automóveis, ônibus e caminhões exigiam oficinas e lojas de peças e as coisas progrediam.

Esekiel tinha rodinhas nos pés. Logo adquiriu o primeiro jipe, com a capota de lona. Depois, passou pela capota de aço, pelo Citroën e por um Morris, finalmente voltando ao jipe. Casou-se em 1947 com Silvandira, uma ex-aluna daquele colégio pioneiro das freiras alemãs, que tinha voltado de São Paulo quando o primeiro ginásio foi aberto.

Adquiriu a primeira casa na rua São Vicente, de madeira e aquém da estação ferroviária. Logo depois adquiriu a segunda casa – de alvenaria – na rua Belém, próxima a da São Vicente.

O sogro italiano – Remo Ferraresi – tocava a serraria nas Marrecas, hoje Irerê, distrito de Londrina. Ao entrar a década de mil novecentos e cinquenta, apoiou o sogro que iria abrir sítio de café em Umuarama, a Oeste, onde também chegava a Companhia de Terras do Norte do Paraná, aquela empresa fundiária dos britânicos e que agora se

chamava Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, administrada por brasileiros.

Não demoraria muito e lá também, em Umuarama, seria aberta uma agência do Banco do Brasil. Não que a história se repetisse, mas o modelo de sucesso já existia.

Outros polos de cidades surgiam no rumo Oeste. Nos idos de 1955, Esequiel trocou a casa da rua Belém por uma bem melhor, na avenida Higienópolis. As estradas da região, inicialmente eram todas de terra. Depois seriam trilhadas até Umuarama, de jipe, para ver e acompanhar a roça de café, que crescia e prometia. Quando dava, a família ia junto. De fato, o café rendeu frutos ao pioneiro Remo Ferraresi, que até receberia homenagens públicas em Umuarama.

Uma vez, dirigindo o jipe, vindo à noite de Umuarama, Esequiel viu algo diferente no meio da estrada deserta. Parou e foi ver de perto. Era um tatu, imóvel. Como poderia ter atropelado, ficou com dó do bicho e o guardou, colocando na caixa de ferramentas do jipe, embaixo do banco do motorista, e tocou em frente. Tendo chegado a horas tardias em casa, esqueceu do tatu e foi dormir.

Pelas altas horas da madrugada o vizinho veio alertar que tinha ladrão na garagem onde ficava o jipe. Pelo barulho que fazia, estavam tentando ligar o motor. Resumo da ópera: era apenas o pobre do tatu se remexendo na caixa de ferramentas, junto das correntes. Histórias que fazem parte da memória.

Quando o banco resolveu abrir a agência de Paranavaí, para lá de Umuarama, Esequiel foi ser gerente. Ele ficaria uns seis meses viajando de teco-teco todo começo de semana, indo de Londrina a Paranavaí, para voltar na sexta-feira – até poder mudar-se com a família.

Numa dessas viagens de teco-teco, vindo para casa, ao taxiar na pista de Paranavaí, o piloto esbarrou o avião numa escada do aeroporto e rasgou a lona da asa. Não esquentaram a cabeça e remendaram com



Os gêmeos Marcos e Maria Inês com seus padrinhos Marco Antonio e Assis, colegas do BB, no aniversário de 70 anos do Esequiel. Londrina, 1993

esparadrapo para seguir viagem. O resumo dessa outra história conta o fato singelo de que, lá no alto, o esparadrapo começou a soltar com o vento. O epílogo foi feliz e chegaram a Londrina inteiros, apenas o susto.

Não demoraria muito, menos de um ano com a família residindo em Paranavaí, filhos na escola, rotina acertada, e o Banco transferiu Esequiel para Arapongas. Vantagens até havia. A residência, mais confortável, ficava no andar superior do prédio da agência. O movimento era forte e o gerente do Banco do Brasil – como em toda cidade pequena – era quase uma personalidade pública.

Na campanha presidencial de 1960, Jânio Quadros passou por Arapongas e Esequiel não teve como evitar ser levado para ser apresentado ao candidato sensação das “vassourinhas”. Em política, admiração mesmo sempre teve foi por Getúlio Vargas. Mas por vias transversas também admirava o discurso do seu algoz, Carlos Lacerda.

Esequiel também fez amizade política com outro colega funcionário do Banco do Brasil, o mineiro Abilon de Souza Naves, que tinha sido Chefe da prestigiada Carteira de Crédito Agrícola e Industrial (CREAI), na sede do banco, no Rio de Janeiro. Souza Naves tinha feito

carreira política no Paraná, elegendo-se senador em 1958 pelo PTB, e era fortíssimo candidato a governador para as eleições de 1960, quando veio a falecer em Curitiba, em dezembro de 1959. Em face da amizade alentada e forte empatia política, foram a Curitiba, pelas estradas de terra do Cerne, via Castro, Esequiel e o amigo Orlando Mayrink Góes, para as últimas homenagens ao líder, querido e estimado senador da República.

Ainda em Arapongas, adquiriu um Ford, sedan, carro algo sofisticado demais para estradas de chão batido. Continuou indo de jipe a Umuarama, nas vezes em que podia tomar por empréstimo o veículo junto à concessionária de automóveis. Passaram-se dois anos antes de ser transferido, em 1963, de volta para a agência de Londrina, a cidade dos sonhos.

Foi quando resolveu fazer uma mudança na vida profissional e experimentar outra atividade que também tinha muito a ver com os processos de financiamento do banco, o comércio de veículos. Ao ser transferido de volta para a agência de Londrina, foi até a sede do Banco do Brasil no Rio de Janeiro e requereu uma licença sem vencimentos por um ano. Obteve colocação na concessionária Ford em Londrina, passando a trabalhar junto ao comércio de caminhonetes, jipes, caminhões e tratores, que tinham grande demanda da região. O ano passou rápido e retornou para o Banco, satisfeito. Ainda exerceu a gerência em Cambé, vindo a se aposentar em 1975.

Após a aposentadoria, montou escritório de gestão de condomínios, que sempre admirou desde os primórdios da construção civil na cidade. Foi assim, trabalhando disposto até a virada para o século 21, com saúde. Sempre adorou veículos e dirigir, mas teve que abandonar a direção quando a senilidade o pegou no início dos anos 2000. Em 2007, foi-se desta vida para a eternidade, deixando saudável memória.

Londrina (PR), novembro 2022.

Um aniversário inesquecível

por **Maria Inês de Almeida** – *Filha*



Meu pai era uma pessoa de sentimentos puros, de poucas palavras, mas com muita ação, o que trazia consideração por onde passava. Posso dizer que ele era uma pessoa que não tinha parada. Tinha rodinhas nos pés, nunca parava. Seu grande orgulho e prazer era trabalhar no Banco do Brasil e desfrutar as férias na praia.

Ele teve uma amiga muito especial, a Calica, sua cachorrinha, que grudava na porta, esperando-o chegar do banco para ir passear e ganhar seu



Esequiel e Calica na varanda do apartamento em Piçarras. Anos 1980

presunto e um pedaço de *Diamante Negro*. Quando a Lacta mudou a receita, ela se negava a aceitar e ele percorreu os bares da cidade em busca do antigo chocolate. Ela amava o Zico, como meu pai era carinhosamente conhecido, e quando estava nas últimas, a veterinária ligou para o papai e disse: “Seu

Esequiel, venha porque ela está esperando o senhor chegar.” Ele foi, pegou no colo e ela deu o último suspiro.

O aniversário de 70 anos do meu pai aconteceu em 22 de novembro de 1993 e foram três dias de festas! Sim, porque nós morávamos em Londrina, mas os três irmãos do papai continuavam morando em Bauru e vieram para a comemoração. Também vieram os compadres e colegas do Banco que não residiam mais aqui. Vieram todos, com suas famílias. Daqui de Londrina, os filhos, noras, netos, sobrinhos. Amigos do pai, amigas da mãe, amigos dos filhos, amigos, amigos, muitos amigos.

Para os de fora, aconteceram almoços e jantares nos dias que antecederam a festa e muita conversa boa. Não posso esquecer da grande comilança que foram aqueles dias e o quanto meu pai gostava de comer. Céus, nas refeições ele primeiro comia um prato de arroz branco, puro, só com azeite.... Aí sim... Depois ele começava a comer de verdade.

Lembrar daquela festa é confirmar o quanto meu pai era querido. O “Cabeça Branca” era conhecido pela sua bondade, generosidade, sempre amável e disposto a ajudar os amigos. Na noite da festa, nosso

coração não cabia no peito. Foi muita alegria e as fotos confirmam isso. Depois, perguntei: “Pai, gostou da festa?” “Supimpa”, disse ele. Foram muitos sorrisos de felicidade verdadeira.

E, em um dia de setembro de 2007, ele foi embora deixando imensas saudades.



As mãos do papai

por **Maria Eneida de Almeida** – Filha

A sensação mais remota que tenho do meu Pai é o calor de suas mãos. Um calor que transmitia completa e total segurança. Eu não tinha medos, acho que quase nem chorava porque, em qualquer momento, vinha aquela mão, segura e quente me afagar e me fazer adormecer.

Na realidade, nunca sabia se a mão era do meu pai ou da minha mãe. As duas eram muito quentes... eram iguais... eram grandes, enormes. Mas com o tempo, aprendi a identificar. Uma era para alimentar, dar banho e rezar. A outra era para afagar, passear e dormir.



Esequiel com Maria Eneida, recém nascida, Londrina 1958



Silvandra com os filhos e um colega de escola do Marcio,
no Porto de Paranaguá (1961)

E era aquela mão que todas as noites, sem exceção, vinha à minha cama, verificava se a coberta estava presa debaixo do colchão e me cobria até o ombro para não entrar nenhum ventinho. Aí, passava a mão

na minha cabeça, me dava um beijo carinhoso e o famoso “Deus te abençoe” com dois tapinhas suaves nas costas. Eu sempre esperava por este momento. Às vezes quase dormindo, às vezes acordada. Era tudo para mim, tudo para ter uma noite de bons sonhos e nenhum pesadelo. Mamãe já tinha passado na minha cama para fazer a oração da noite. Os primeiros anos da minha vida foram assim, cheios de ternura, amor e muito-muito



Os quatro filhos: Marcio,
Maria Eneida, Maria Inês e Marcos

calor. Todos os dias. Não me lembro de tristezas e decepções. Só me lembro de alegrias e sorrisos.

Nasci em 1958. E assim eu cresci, com mãos calorosas e afetuosas que traziam estabilidade emocional e conforto familiar. Morávamos na Avenida Paraná, no 4º andar do Edifício Sahão. Era tudo tão cadente. Tudo começava no Natal. Depois, as desejadas férias na praia. Aí, minha matrícula no Colégio Mãe de Deus e a compra do material escolar, quando encapávamos os cadernos, os livros, colocávamos etiquetas e ficava tudo pronto para mais um ano de estudos e leituras de livros que me levavam para outras realidades. Era uma rotina anual. Todo ano era a mesma rotina. Nas férias de julho ou íamos para Bauru no Vovô Victoriano ou para Umuarama no Vovô Remo.

Mas algo estava mudando. Eu estava crescendo e ficando com compromissos fora de casa: piano, artes, balé, costura, bordado, pintura, dança. No sábado, Papai me levava na casa de uma amiga para passar a tarde e andar de bicicleta. No



Os quatro filhos com a prima Lucia Aparecida
(Quilombo, Iacanga, início anos 1960)



Esequiel com Maria Eneida



Silvandra com Maria Inês e Maria Eneida. Piçarras, SC

domingo, toda a família ia à missa das 9:00, na catedral, e quando chegávamos em casa, Mamãe ia fazer o almoço. Lasanha verde ou talharim feitos em casa ou arroz de forno e frango assado ou uma carne de panela. Sempre com uma sobremesa deliciosa que ela já tinha deixado preparada no sábado, quando tinha feito o bolo da semana.

Aos domingos depois da missa, se não estivesse chovendo, eu ia passear com o Papai no calçadão. Certamente meus irmãos também tiveram esse privilégio, mas eu não tinha conhecimento.

Eu só sabia que esse era o momento mais delicioso da semana, quando estávamos só eu e ele. Eu e a mão quente dele. Foram nesses passeios que aprendi a andar, tenho a impressão. Por muitos anos, eu segurava no dedo indicador do Papai. Era enorme. Acho que minha mão cresceu, pois um dia vi que estava de mãos dadas com ele.

Eu era, como Mamãe costumava falar, o “rabicho”, ou dela ou dele. Eu estava sempre enrabichada. Íamos a um lugar onde muitos amigos se encontravam para conversar, no Prédio do Relógio no calçadão da Avenida Paraná. Um padrinho me presenteava com chocolates, balas e outros agridos, o outro padrinho me dava colo e fazia cócegas,

quando não passava a barba serrada no meu pescoço.

Papai completava a alegria com um gíbi que tinha chegado naquele dia, novinho, com um cheiro tão bom. Leria milhares de vezes ao longo da semana. Era um tempo tão bom! E era tão comprido! Parece que minha infância teve um tempo infinito. À tardezinha, um passeio de carro com a família

ao aeroporto para ver os aviões que chegavam e saíam, à Caixa D'água na Higienópolis, que era looonge, e o famoso sorvete na Sávio. Papai sempre pedia de limão. Eu, de ameixa ou morango. Que fim de semana magnífico!

Nas décadas de 1960 e 1970, acontecia a Guerra Fria, o mundo de cabeça para baixo, com movimentos sociais, culturais e políticos de grande envergadura, que transformaram todas as nações e suas respectivas sociedades.

Eram também os anos de chumbo no Brasil, com a ditadura militar que invertia valores e princípios éticos e morais. Não era muito nítido para quem não estava acompanhando os movimentos de uma época em grandes transformações. Novos tempos também chegaram a uma cidade do interior, na capital do café – Londrina. No mesmo tempo que eu me transformava e tentava entender o mundo em que vivia. Não



Esequiel com Maria Eneida. Piçarras, SC

foi simples crescer e sobreviver a todas aquelas transformações. Eu era pequenina, mas cresci lendo muito.

Desde os livros da escola até as revistas da época, que meus pais compravam todos os sábados, à tarde, na banca de revistas do centro: Realidade, Manchete, Seleções, entre outras. Sempre as novidades do Brasil e do mundo.

Ali eu descobri o mundo, as guerras e o sofrimento do Vietnã e não conseguia entender por que a humanidade se massacra tanto. Só obtive resposta após muito-muito estudo, já no doutorado, devorando livros de teoria política, com Hans Morgenthau, que tem a seguinte pérola: “Na política, tudo o que conta é a nação, não a humanidade”. Assim é o nosso mundo. E minha Mãe comprava uma coleção que eu amava: Planeta. Ali eu conhecia os outros povos e o universo infinito, desde astrologia até as partículas elementares da matéria!

Ali encontrei os mistérios da alma humana e do planeta Gaya. Ali entendi como tudo está interconectado e sem essa conexão tudo degingola. Tudo e todos! Ali eu conheci os índios, pois na escola, índios eram motivos de folclore que se preparava para apresentar no Dia do Índio. Jamais foram tratados como nossos ancestrais mais nobres e dignos. Passava a semana lendo em todos os momentos que conseguia. Eu apreciava a existência de outros povos, outras culturas, outras comidas, outras formas de cuidar das doenças. Foi quando conheci a sutileza da homeopatia, as agulhas mágicas da acupuntura e os conhecimentos sobre as plantas medicinais. Assim eu vislumbrei muitas coisas que posteriormente fizeram parte da minha vida de fato. E aquela mão, sempre ali, quente.

A adolescência foi transformando meu corpo, minha mente, meu espírito. Da mesma forma que a sociedade e o mundo se transformaram, as famílias foram tomando formas distintas. Eu, caçula de quatro irmãos, vivi muitos momentos de uma família em ebulição. Os novos tempos moldavam a todos. O mundo e a intensidade da vida chacoalhavam



Esequiel com Maria Eneida e um dos cães do avô Victoriano. Baurú.

tudo e todos. E a mão dele.. sempre ali. Quente. Meus pais passaram pelas turbulências com dignidade e maestria. Passando segurança a cada um de nós e a todos juntos.

Nunca tive medo do mundo ou da vida. Porque aquela mão sempre estava perto de mim, me protegendo e me cuidando. E também partilhávamos uma paixão: cães. Que paixão! Mamãe não queria. Namorávamos os cães de quem tinha, por exemplo, do Vovô Victoriano e os do Vovô Remo. Eram tantos! Mas um dia encontramos uma miniatura que cabia na palma de uma mãozinha com 11 anos de idade. Não teve jeito. Até Mamãe se encantou. Era a Papucha, um ‘ratinho’ peludo e esquisito de orelhas em pé. Depois veio a Calica e bem mais tarde, a Tati. Ele adotou todas e as tratava com Diamante Negro e banana amassada

Um dia eu virei mulher, me tornei mãe e fui extremamente feliz por ter presenciado aquele dedo indicador ser oferecido para meu filho segurar e era a “mesma Mão”. Lucas foi imensamente beneficiado em



Esequiel com Silvandira e Lucas no Cartório de Registro Civil de Votorantins, SP.

contar com o calor e o afeto do Avô. E da Avó! Assim que nasceu, lá estavam aquelas Mãos. Da Mamãe, foi o primeiro banho e do Papai, o primeiro passeio de carro para registrar o nascimento no cartório.

Também por anos, principalmente dos sete aos quinze anos do Lucas, enquanto moramos em Londrina, aquelas mãos acolheram e cuidaram do crescimento dele. Seria injusto se eu não destacasse que todos os netos tiveram o privilégio de ter tido o carinho, o cuidado e a proteção das mesmas Mãos. Que avós fantásticos eles foram!

Que orgulho de ter sido privilegiada em passar quase todos meus ciclos de vida, como filha, com eles presentes na minha vida e na minha formação. Entre trancos e barrancos, eles sempre deram o apoio necessário para que o sofrimento não me machucasse demais. Jamais eles deixaram de aconselhar e prover. E jamais influenciaram os caminhos trilhados pelos filhos. Eles deram estudo a todos, carinho e amor. Mas o caminho de cada um foi de responsabilidade individual. Cada um a seu tempo. Cada um de sua maneira de ser e de viver.

Um dia, aquelas mãos do meu Pai faltaram. Depois que Papai ‘viajou’, Mamãe sentia demais a falta do seu companheiro de vida e de fé. Os suspiros eram o reflexo da dor inerente à sua ausência.

Depois, faltaram as Mãos da minha Mãe! Essa dor é uma dor eterna. Entretanto, jamais-jamais faltou a sensação de calor e segurança transmitidas ao longo de toda a minha vida. Aquelas mãos são parte de mim. E, assim, com o tempo e com dificuldade, vi aquelas Mãos em uma eterna viagem! Eu sinto demais a falta dessas Mãos, marcantes, vibrantes, aconchegantes. Penso que, por ser uma presença imanente e serena desde que nasci, aquelas Mãos são o toque mais sublime, suave e profundo presente na minha vida e que aquece a minha Alma todo dia.

Chapecó (SC), julho 2022.



Esequiel com Lucas.

Gratidão

por **Marcio José de Almeida** – Filho

“Somos a memória que temos, sem memória não saberíamos quem somos.” Quem escreveu isso foi José Saramago¹, escritor, Prêmio Nobel de Literatura, orgulho de Portugal, país de onde, suspeito, vieram alguns antepassados do meu pai, apesar de existirem indícios de que poderiam ter vindo da Espanha². Pois bem... e foi “puxando pela memória” que acabei organizando as ideias para redigir esse depoimento sobre ele.

Quando lembro dele, quando penso nele, o sentimento mais forte que se instala é o da gratidão. Ao longo dos quase 60 anos que convivemos, mesmo nos anos de distanciamento físico, quando residi em Manaus, Rio de Janeiro, Curitiba, São Paulo e Washington, contei sempre com o seu apoio e afeto.

Muito obrigado, meu pai, por ter sobrevivido à orfandade e ter tido a capacidade de “processar” a perda da sua mãe em 1939 e conseguido, como filho mais velho, apoiar o “Vô Vitu” na criação dos seus três irmãos. Você não deixou de aproveitar as poucas oportunidades de estudo que existiam e, apesar de não ter concluído o curso de contabilidade, sempre valorizou e apoiou a educação dos filhos e dos familiares.



Esequiel e Silvandira com os filhos em 1966: Maria Inês, Maria Eneida, Marcos e Marcio

Muito obrigado por ter sempre nos dado o exemplo de respeito aos mais velhos, começando pelo seu próprio pai e pelo “Vô Remo”, meu avô materno, seu sogro. Ainda que nem sempre tenha havido sintonia nas ideias e nas atitudes. Os conflitos familiares por vezes geravam críticas e animosidades, mas jamais expressões ou comportamentos desrespeitosos.

Muito obrigado por ter feito, em 1943, com 20 anos de idade, o concurso para o Banco do Brasil. Por ter se esforçado e conseguido ser aprovado. E por ter aceitado a convocação para assumir, em janeiro de 1944, o posto de trabalho na distante e desconhecida Londrina, no Norte do Paraná, afastando-se da sua querida cidade de Bauru e de todos os familiares que lá permaneceram.

Com a coragem de assumir novos desafios, você conquistou o respeito, a amizade e o companheirismo de colegas de trabalho, que

duraram por toda a sua vida. Não fosse por isso, não teria conhecido uma moça inteligente, estudiosa e a mais bonita da cidade, formada em 1944, na primeira turma do Ginásio Londrinense³ e tomado a coragem de pedir licença ao Vô Remo para iniciar um namoro com ela! Que caminhou para o casamento em 1947 e para o meu nascimento em 1949! Ufa! Que sufoco!! Quantos riscos eu corri!!!

Muito obrigado por ter decidido fazer carreira no BB! Com isso, passamos a ter uma vida mais confortável, além de conhecer outras realidades nas cidades de Paranavaí e Arapongas, onde, nos anos de 1960, foi gerente das agências e para onde levou a família. Que, aliás, na época já havia crescido, porque logo em 1952 chegaram meus irmãos gêmeos Marcos e Maria Inês e, em 1958, a Maria Eneida. Que bom que vocês decidiram deixar o planejamento familiar para depois deles chegarem!

Muito obrigado por ter terceirizado a minha educação sexual para o seu irmão Olímpio, o “Tio Limpinho”. Eu não diria que tenha sido um sucesso, mas... valeu a intenção! Não por isso, mas muito mais pelas grandes almas que ele e a Tia Ignêz eram, a minha proximidade com esse tio durou até o seu falecimento, em 2016. Apesar da trágica perda de sua única filha, nossa prima Lúcia Aparecida, no primeiro dia de trabalho como professora do ensino primário, lá em Iacanga-SP, foram capazes de, sofredamente, seguir em frente.

Aliás, com todos os seus irmãos as relações sempre foram boas. Com a caçula Elvira “Pequena” – até o nascimento da Carmen, no segundo casamento do meu avô Victoriano com a profa. Theresinha Mendonça – com as suas máquinas de costura e as suas balas de coco, casada com o “Tio Neco”, Manoel, alfaiate de mão cheia até se tornar agricultor também de mão cheia. Razão de tantas viagens a Arealva... apesar da diferença de idade entre eu e os primos Deise, Nei e Denis, havia grande entrosamento.

Até mesmo com o tímido tio Arídio “Nenê” que, após a

aposentadoria na Aeronáutica mudou para Iacanga e abriu uma padaria e era conhecido como “Seo Vai Bem”, a forma afetuosa com que invariavelmente se dirigia às pessoas, sua esposa Maria Julia “Mariquinha” e as filhas, nossas primas Salete e Silvana.

Não tenho dúvida que a convivência com esse lado da família, mais fértil em primos – minha mãe só teve tardiamente um irmão, Tio Rubens, que não teve filhos – só foi possível por conta do seu apreço pelos laços familiares daquela sua região de origem (Bauru, Pederneiras, Bariri, Iacanga, Arealva, Água Limpa...) e da sua disposição, sempre presente, para seguir viagens enfrentando as estradas da época.

Quantas viagens... quantas férias no Quilombo⁴ e no Posto de Gasolina que foi construído pelo seu pai Victoriano e depois adquirido, com a sua ajuda, pelo Tio Olímpio lá em Iacanga, onde nós, os primos e inclusive a sua irmã temporã Carmen (“Tia Carmita”) passamos horas agradáveis durante férias escolares. Era você, junto com minha mãe, quem motivava, organizava e financiava aqueles encontros familiares.

Muito obrigado, meu pai, por ter também tomado a decisão de caminhar para o Oeste do Paraná, para ajudar o meu avô Remo a desbravar Umuarama e por ter feito com ele uma sociedade que apesar de render muitas dores de cabeça devido às geadas e a outros problemas, foi muito importante para ele é para nós.

Para mim e meus irmãos, aquela sua decisão propiciou oportunidade de férias escolares em outra realidade. Graças a elas tive a experiência de ter participado de algumas caçadas de macuco (não me recordo de nenhuma ave abatida, mas aprendi a dar tiros de espingarda, escondido de vocês, já que ia sozinho com o meu avô) e também na minha única experiência como agricultor, que foi ter ajudado ele e a “Dona Maria”, sua terceira esposa, a plantar amendoim. Boas lembranças... meados dos anos 1960. Recordo-me até hoje... minha função era ser o terceiro na fila e, com o pé, cobrir com terra os amendoins que a Dona Maria



Henriqueta com Marcelo, Marcio, Silvandira, André, vô Remo e Esequiel
(Posse como Deputado Estadual, Curitiba, 1983)

jogava nas valas abertas pelo meu avô, que ia na frente... Além, é claro, de brincar na tulha e no terreiro de café com meus irmãos e com os meninos da colônia.

O sítio que você e o Vô Remo “abriram” no meio da floresta em Umuarama motivou anos depois algumas viagens a Guaíra, a tempo de ter conhecido as Sete Quedas antes de a região ser inundada pelas águas da Hidrelétrica de Itaipu. Mas o mais interessante nessas idas a Umuarama era a expectativa de passar defronte ao “Cemitério dos Índios”, perto de Cruzeiro do Oeste, e a de jogar dama com o meu avô Remo. Ele, um excelente carpinteiro, como tinham sido seu pai, meu bisavô Primo Ferrarese, e seus irmãos, em Bragança Paulista, fabricava o tabuleiro e as peças. Foi com quem tomei gosto pelos jogos de tabuleiro, em especial o Jogo de Dama, mais tarde o de Xadrez. A Fernanda Costa,

hoje médica veterinária lá em Umuarama, neta mais nova dele, filha da Odete, filha da dona Maria e do Ariovaldo, ela enfermeira e ele médico, pioneiros na região, também aprendeu com ele, como muitos outros.

Muito obrigado por ter sido solidário com a minha mãe nas iniciativas visando cuidar de manter os laços com o outro lado da família e por ter nos levado muitas vezes para visitar os tios da minha mãe, irmãos do Vô Remo, em São Paulo. Foi graças a essas viagens que conhecemos, na década de 1950, a televisão (em preto & branco) e o mar, em São Vicente, na casa de praia da Tia Mafalda e Tio Jorge... também os primos Roney, Reny e Maria Angela, filhos da Tia Armanda e Tio Hércules...

Fiquei sabendo mais tarde que você tinha muito apreço por eles, inclusive porque foram decisivos nos cuidados naquele seu infarto do coração quase fatal que sofreu ainda muito jovem... até mesmo a Nona Emma teve papel importante, quando, naquela noite crítica, no Hospital em São Paulo, lembrou-se de pegar uma vela, acender e colocar entre suas mãos para que não perdesse o caminho na viagem que se anunciava e que, felizmente, tomou outro rumo na penúltima hora! As suas conversas com eles, em especial com a Tia Armanda, eram fonte de muita curiosidade para nós, inexplicavelmente sem acesso na época... hoje sei que por conta dos palavões que faziam parte do vocabulário natural da Tia, e que deixavam minha mãe receosa de repetirmos igual papagaios! Afinal, deviam ser conversas muito interessantes, pois você quase morria de tanto rir quando ficava horas conversando com ela...

E o que dizer então das viagens pelo país que fizemos, graças a iniciativas da minha mãe, mas que você, gostando ou não no início, pois implicava em horas dirigindo por estradas muitas vezes precárias, depois gostava muito... Além do litoral de São Paulo – Santos, São Vicente, Praia Grande, Guarujá – conhecemos Ouro Preto e outras cidades históricas de Minas Gerais, Rio de Janeiro – Corcovado, Pão de Açúcar, Aterro do Flamengo – praias de Santa Catarina, especialmente

Camboriú, que só tinha um edifício, do Hotel Fischer, e Piçarras. Também o litoral norte do Rio Grande do Sul – desde as dunas de Araranguá e do Morro dos Conventos – até Porto Alegre.

Essa última viagem foi memorável porque eram duas famílias, a nossa e a do casal João Portella e Dona Dulce, os melhores amigos seus e da mãe na época, juntamente com a Vera, a Consuelo e o Celso! Em todas essas dezenas de viagens de férias, geralmente em janeiro/fevereiro, nunca sofremos um acidente sério e não me recordo de desentendimentos ou mau humor da sua parte ou da mãe. Apesar de sermos quatro menores com só duas janelas no banco de trás!!! Lembrar que na época não existia ar-condicionado nos carros e as estradas em geral não eram sequer asfaltadas!

Muito obrigado também por ter me estimulado a seguir carreira de bancário, por ter financiado meu cursinho preparatório para o concurso do BB. Infelizmente foi em vão, porque naquele ano, 1966, elevaram a idade mínima para 18 anos e a minha inscrição não foi possível. Mas valeu! Até hoje o que sei de contabilidade e de organização de contas foi graças àquele cursinho. Porque já no ano seguinte, ainda terminando a terceira série do curso científico, fui fazer vestibular para a nova Faculdade de Medicina do Norte do Paraná, mesmo sem ter feito cursinho preparatório... e você me incentivou.

Não consegui ser aprovado, tampouco na UFPR em Curitiba, mas fiquei como excedente e no meio do ano surgiu a oportunidade de iniciar os estudos na nova Faculdade de Medicina do Amazonas. E você, mais uma vez, apoiou minha decisão de deslocar-me para Manaus, com avião da FAB, e me ajudou com uma mesada para custear as despesas da república.

Nos 3 anos que permaneci em Manaus e depois, a partir de 1970, quando fui transferido para o Curso de Medicina da Universidade Estadual de Londrina, você seguiu apoiando meus estudos. E, importante, aceitou, em decisão conjunta com a minha mãe, o meu retorno para

morar no apartamento do Edifício Arthur Thomas.

Imagino que essa não tenha sido uma decisão muito simples... afinal, eu já não era o adolescente de 17 anos que tinha saído de casa de forma pouco educada... e voltava um adulto “cheio das razões”! Não foram anos fáceis, os que levamos juntos no início dos anos 1970. Apesar das arestas familiares que tivemos, não me recordo de ouvir sua voz alterada. E as conversas e episódios de desencontros que tivemos não foram poucos... Obrigado pela paciência extra que teve naqueles anos!

Meu envolvimento com a política estudantil naquele período de AI-5 e Decreto 477 era motivo de grandes preocupações, o que compreendi mais tarde. Minha ignorância sobre os riscos que corríamos só era proporcional, felizmente, à incompetência dos órgãos da ditadura que agiam na Universidade e em Londrina. Além do fato de você ter amizade com vários políticos, como os Senadores Souza Naves (funcionário do BB) e Nelson Maculan, o Dr. Justiniano Clímaco (Dr. Preto), seu colega de pensão no início dos anos 1940, e meu padrinho de formatura no primário em 1959, e mesmo com o Sr. Nelson Galvão, seu colega e amigo do BB, militante clandestino de esquerda, pai da Tania Galvão Centeno, amiga minha com quem compartilhei nos últimos anos os aprendizados sobre o viver, o morrer e sobre as Diretivas Antecipadas de Vontade. Por iniciativas minhas, essas relações eram acrescidas de algumas lideranças do MDB Autêntico, como Chico Pinto, Lysaneas Maciel, Alencar Furtado. Todos cassados pelo regime político de então.

Isso, de uma certa forma, atenuava as preocupações familiares porque eram pessoas com credibilidade e seriedade na vida pública.

Terminado o período da vida em família com a formatura e casamento com a Henriqueta, em dezembro de 1973, o seu apoio continuou existindo. Nossa vida de recém-casados no Rio de Janeiro, onde fui fazer Residência Médica no Hospital de Clínicas e depois o Mestrado em Medicina Social na UERJ e a Henriqueta Especialização e Mestrado no IEDI (Instituto Estadual de Endocrinologia e Diabetes),

ligado à UFRJ, foi acompanhada de doações esporádicas, enquanto as receitas das bolsas de estudo e dos plantões médicos não eram suficientes para o nosso sustento.

Até mesmo o Fusca-68, usado, mas em excelente estado de conservação, foi doação espontânea sua, que facilitou muito os nossos deslocamentos no Rio de Janeiro. Seja por motivos de estudo e trabalho durante a semana ou para lazer nas praias da zona sul nos finais de semana.

Lembro-me bem como fui/fomos bem recebidos em sua casa quando viemos a Londrina passar alguns dias de férias em 1975. Em um clima político extremamente agudizado após as mortes no DOI-CODI em São Paulo e no Rio... em que professores e colegas meus de Residência tiveram que se exilar no México e nos Estados Unidos... e que em Londrina sofriamos as prisões dos amigos Dr. Abelardo Moreira, casado com a Nitis Jacon e prefeito de Arapongas anos depois, do Dr. Nelson Rodrigues dos Santos ("Nelsão"), na época diretor do CCS-Uel e um dos principais responsáveis por eu ter escolhido a saúde coletiva, do vereador Genecy Guimarães, do Luiz Gonzaga Ferreira, advogado, presidente do MDB e marido da Darcy, assistente social no Sanatório de Tuberculose, antes de ser transformado em Hospital Universitário, grandes amigos do Dr. Jeolás, diretor, e da Lucia, que ao chegarem do Rio de Janeiro no final dos anos 1960 haviam morado em uma casa nossa na Avenida Higienópolis, e de quem me incumbiu de receber o aluguel algumas vezes.

Nunca houve recriminação da sua parte às minhas escolhas políticas. Apesar das suas preferências, que oscilavam entre lideranças e o pensamento da direita, como Lacerda e Hosken de Novaes e do centro-liberal, como José Richa e Wilson Moreira.

Muito obrigado, meu pai, pelo apoio no meu retorno a Londrina em 1977, para assumir a Secretaria de Saúde do Município, a convite do Prefeito recém-empossado Antônio Belinati, um emergente líder populista, eleito em disputa contra Wilson Moreira, o seu candidato

preferido. Nunca houve nenhuma restrição ao fato. Como também quando, em 1980, fui compelido a pedir demissão do cargo por não aceitar a exigência do Prefeito para que todos os seus secretários assinassem a ficha de filiação do PDS, o partido de apoio ao Governo Militar do então Presidente João Figueiredo. Pedi demissão e fui trabalhar por um tempo no Mato Grosso até que aceitei o convite do então Senador José Richa, dos deputados Osvaldo Macedo, Álvaro Dias e do Engenheiro Wilson Moreira para ser presidente do Diretório do PMDB em Londrina.

Nessa ocasião, novamente o seu apoio foi decisivo. Não só a mim, mas a todos os que estavam engajados na construção do novo Partido em Londrina e no Norte do Paraná. Durante 3-4 anos você cedeu um imóvel, na esquina das ruas Espírito Santo e João Cândido, para funcionar a sede do Diretório Municipal. Ali, foram realizadas reuniões decisivas e organizadas as campanhas vitoriosas em 1982. Com o seu total apoio e participação!

Mesmo quando, anos mais tarde, sendo deputado estadual eleito (1983-1986), fiz a opção de filiar-me em 1985 ao Partido Comunista Brasileiro (PCB)⁵. Lembro-me e tenho fotos da sua participação no ato de filiações e de lançamento do Diretório Municipal. Você esteve presente e não mostrou inconformismo nem mesmo com o bolo que mandaram fazer, enfeitado com a foice e o martelo. Aliás, alguns anos mais tarde, você e minha mãe receberam com alegria para almoçar na casa de vocês, um amigo meu, senador pelo PCI, Giovanni Berlinger e sua esposa Giovanna. Fiquei surpreso com vocês dois se entenderem tão bem, apesar das diferenças ideológicos e de idiomas!

Hoje sei que aquela minha atitude foi decisiva para o encerramento da minha carreira política. Talvez eu tivesse sido reeleito caso tivesse permanecido no PMDB, que era o desejo de muitos amigos de então, como o Deputado Euclides Scalco, o Senador e presidente do Diretório Regional Álvaro Dias e o próprio Governador José Richa. Mas isso faz parte do passado...



Comemoração dos 64 anos do PCB na Sede Municipal de Londrina. Dora Barnabé, Esequiel e André apagando as velinhas do bolo. Londrina, março de 1986.



Almoço com Giovanni e Giovanna Berlinguer, na casa de Esequiel e Silvandira, na mesa com André e Maria Inês. Londrina. Abril de 1993



Silvandira, Esequiel, Carmen, Theresinha, Elvira “Pequena”, Ignêz, Olimpio, Manoel Garcia “Neco”, Nei, Leonil “Nili”, Deise com Letícia. Arealva, início da década de 1970

Muito obrigado pelo apoio incondicional. Inclusive por ter aceito o convite para ser tesoureiro da minha campanha eleitoral para a reeleição em 1986, como tinha sido da primeira, em 1982. As prestações de contas foram aprovadas pela Justiça Eleitoral sem nenhum reparo! Isso era motivo de grande tranquilidade para mim, pois o dinheiro que existia, embora pouco, sempre esteve isento de malversações, porque, com você à frente, as eventuais tentativas de desvios eram sumariamente rechaçadas!

Terminado o mandato de deputado, enquanto não surgia a oportunidade de concurso para docente na UEL, você me convidou para trabalhar no seu escritório de administração de condomínios. E foi graças a isso que, durante meio ano, pouco mais, consegui alguma receita para somar com o salário da Henriqueta para o custeio das despesas familiares, agora já mais volumosas porque faziam parte o Marcelo, nascido no Rio em 1976, e o André, em Londrina, em 1980.

Mais uma vez seu apoio foi fundamental até eu conseguir dar início à minha carreira de professor universitário. Embora aprovado em duas ocasiões anteriores, os órgãos da repressão política impediram os administradores da Universidade da época de efetivarem a minha contratação, e apenas em outubro de 1987, após novamente ser aprovado em concurso docente na UEL, finalmente fui chamado para assinar contrato.

Nessa altura, já tinha casa própria, adquirida em 1980 graças a um empréstimo seu para completar o valor do imóvel onde cresceram os meus filhos e que hoje pertence ao André. Esse imóvel, bem como o apartamento do Edifício Itacolomi, construído no início dos anos 1990 e que hoje pertence à Henriqueta, foram adquiridos com a sua ajuda. Nesse último caso, foi possível graças à venda de um pequeno apartamento que você me havia presenteado (idem aos meus três irmãos) na década de 1980.

Muito obrigado, meu pai, por ter aceitado a proposta feita pelo Marcos e por mim no início dos anos 1990, para modernizar o seu Escritório de Administração de Condomínios, quando houve a mudança do Júlio Fuganti para o Edifício Taquari, que desdobrou na criação da COMTRAT PREDIAL. Naquela altura a sua experiência e credibilidade tinham resultado na principal carteira de administração de condomínios da cidade e o Marcos durante alguns anos atuou para informatizar os processos e ajudá-lo na gestão do dia a dia da empresa. Essa situação perdurou até início dos anos 2000, quando o retorno do Marcos às suas atividades profissionais e o declínio gradativo do seu estado de saúde levaram-me a assumir algumas responsabilidades na Empresa.

Após os entendimentos familiares sobre quem se dispunha a levar adiante a gestão do escritório, assumi a tarefa, e convivemos alguns meses na gestão condominial, completando-se a sua participação mais ativa em torno da época das comemorações dos 30 anos de existência do “Escritório de Administração de Condomínios do Sr. Esequiel Garcia de Almeida & COMTRAT PREDIAL”, ocorridas em 2007.

Mesmo ano do agravamento da sua situação de saúde, que resultou no seu falecimento em setembro de 2007, na UTI do Hospital Evangélico, depois de cerca de uma semana de internação decorrente da realização mal sucedida de um exame médico invasivo.

Nesses últimos dias você não recobrou a consciência em nenhum momento e foi com um certo alívio que atendi ao chamado da plantonista no quarto do hospital em que eu estava repousando para acompanhar os últimos suspiros seus... terminavam alguns dias de sofrimento desnecessário... Lamentavelmente, sem chance de qualquer diálogo, nem mesmo com minha mãe, que foi chamada na véspera para ser informada da irreversibilidade do quadro.

Após o retorno do André do exterior, em 2008, ele assumiu a cogestão do escritório até 2012, quando tomamos a decisão de venda. Alguns anos antes, em Curitiba, a Maria Inês também tinha encerrado as suas atividades em escritório do mesmo ramo, aberto após ela ter pedido demissão do BB. Com isso, apesar do aprendizado, a herança do meu pai no que se refere à administração de condomínios deixou de existir.

Sobreviveram as boas lembranças de quem usufruiu dos seus serviços e a imagem de integridade e honestidade na administração dos recursos condominiais. Ou seja, embora não tenha restado herança volumosa em bens materiais ou financeiros, você nos deixou um grande legado! Dentre eles a carreira de bancário no BB, escolhida pelo Marcelo, seu neto mais velho!

Tenho também lembrança viva da organização que você deixou da sua vida financeira, facilitando muito a transição para a mãe da gestão da sua pensão e demais assuntos decorrentes, tanto junto à PREVI como em outras esferas. Os modestos recursos que herdamos de você beneficiaram e beneficiam até hoje filhos e netos. Mais importantes contudo foram os princípios, os valores, os exemplos de vida que nos legou: integridade, disciplina, respeito e afeto.

O seu legado é fonte de inspiração para que tenhamos com os nossos filhos e netos os cuidados e a atenção que merecem. Os momentos que vivemos, os contextos pessoais, familiares, sociais, nem sempre favoráveis, foram e são importantes para a vida de cada um de nós. O senhor soube viver e conviver, durante pouco mais de 80 anos, com os enormes desafios que enfrentou. Na maioria das vezes, venceu as adversidades construindo mais amizades. Tenho orgulho disso tudo!

Por tudo isso, muito obrigado, meu pai! Lamento não ter feito esses e outros agradecimentos “ao vivo e a cores”. Embora eu tenha a impressão de que nossas conversas nos últimos anos, propiciadas pela nossa maior proximidade decorrente da sua crescente perda de autonomia, tenham tido essa conotação, gostaria de ter podido conversar e agradecer mais explicitamente sobre tudo o que você representou para mim, para minha família, sua nora e seus netos.

Lamentavelmente, eu não tinha o conhecimento que tenho hoje sobre os cuidados paliativos, sobre as Diretivas Antecipadas de Vontade, sobre a possibilidade de conviver com os temas da vida & da morte de uma maneira mais saudável. Talvez você tivesse partido com menos sofrimento... e teríamos sofrido menos os que por aqui ficamos por mais um tempo. Por sorte, sua e nossa, o período crítico que viveu, de perda da memória e da autonomia, foi breve perto da grandeza dos seus 84 anos bem vividos, com lucidez, conforto e o carinho de todos nós, especialmente da minha mãe.

Com muito respeito, peço a sua benção e me despeço mais uma vez. Muito obrigado, enfim, pelo exemplo de pai e também de avô que foi para o Marcelo e o André. Espero viver até a sua idade, mas sobretudo espero cultivar com meus filhos e com o Davi os mesmos princípios que nos legou.

Curitiba, novembro de 2022



Esequiel, Marcelo (4 anos), Victoriano, Márcio
com André (4 meses). Londrina, 1980"



1 – José Saramago (1922–2010), escritor, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1998 e é autor de várias obras, dentre elas: O Evangelho segundo Jesus Cristo, Ensaio sobre a Cegueira e Intermittências da Morte.

2 – Um familiar, Antonio Carlos Garcia de Almeida (Totonho), iniciou há alguns anos o levantamento de informações sobre as origens da família e registrou em carta que o seu/meu tetravô, nascido em San Sebastián, em 1829, chamado Ramón Garcia, teria vindo da Espanha. Do seu primeiro casamento (teve três), com Maria Izabel, nasceu em Brotas, provavelmente em 1874, Victorano Garcia de Almeida. Não sendo identificada a origem do sobrenome “Almeida”. Como se sabe, esse sobrenome é muito comum em Portugal e a hipótese de que tenha havido alguma participação lusitana na linhagem familiar não pode ser descartada. Esse casou-se com Maria Concepción e dessa união resultaram vários filhos, dentre eles João Garcia de Almeida. A conversa em torno desse assunto ocorreu em 2017. Infelizmente o Totonho foi vitimado por acidente automobilístico pouco tempo depois e o levantamento está inconcluso. Além dessas informações, ele resgatou uma foto em que aparecem o casal João Garcia de Almeida e Julia Teixeira Garcia de Almeida, ele filho de Vitorano, com seus 10 filhos, dentre eles o meu avô Victoriano Garcia de Almeida (na foto do texto sobre “Resgate” que está no início do livro, em pé, atrás da bisavó Julia Teixeira), páginas 28 e 29.

3 – www.unesco.org.br/praca-drjonas

4 – Nos anos 1950 o “Quilombo” se resumia a um tanque de “areia movediça” cercado de 4 paredes de madeira e sem assoalho, medindo 20 a 30 metros quadrados. Atualmente existe na área um Hotel Pousada/Estância Hidromineral e a Fonte “Quilombo” de Água Mineral Natural. Localizado a 370 km da capital. Foi nessa região que se realizou em janeiro de 1975 o Festival de Águas Claras, a versão brasileira de Woodstock, reeditado em 1981, 1983 e 1984.

5 – O PCB, fundado em 1922, era o partido político mais longo no país e, nos anos 1970 e 1980, foi o partido de esquerda que propôs com mais clareza a política de Frente Democrática contra a Ditadura, tendo sido, mesmo na ilegalidade, o principal responsável pelo fortalecimento do MDB de então. Não pactuava com as correntes políticas esquerdistas, que defendiam a guerrilha e a luta armada, como o seu quase homônimo Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Hoje em dia, essas correntes ideológicas são residuais na vida política nacional.



Comemoração dos 30 anos do Escritório do Sr. Esequiel, depois COMTRAT Predial



Esequiel com Silvandira, funcionários da COMTRAT e zeladores de condomínios



Esequiel com
Silvandira e Eunice
Stefani, que trabalhou
durante muitos
anos no escritório
de administração de
condomínios.



Maria Eneida, Marcio, Maria Inês, Marcos, Silvandira e André

Ah, aquele pente...

por **Marcelo Guidio de Almeida** – Neto

Domingo, 11h30 da manhã, a família – pai, mãe e seus dois filhos – fecham a casa da rua Riachuelo e entram no Passat azul metálico claro... O destino é o apartamento do sétimo andar no edifício Arthur Thomas, localizado na região central de Londrina, em frente à praça Sete de Setembro.

O trajeto dura aproximadamente quinze minutos e, ao chegarem no apartamento, a avó os recebe carinhosamente e logo pede que todos fiquem à vontade. Ela ainda teria afazeres na cozinha, pois estava terminando de preparar o almoço – no cardápio o delicioso e tradicional nhoque.

Na sala de TV, encontra-se o avô, com a edição de domingo da *Folha de Londrina* a tiracolo e, em suas mãos, uma pequena barra de *Diamante Negro*, conhecido chocolate da Lacta. Entretanto, a guloseima não era consumida por ele, mas sim pela sua inseparável cachorrinha de estimação – Calica – uma pequinês de pelagem vasta, lisa e bem clara.

Todos ali se cumprimentam com abraços, os adultos – pai e mãe – logo se sentam no sofá e começam a folhear os jornais e as revistas que estão sobre a mesa. Na TV está passando o “Show do Esporte”, sob o

comando do grande locutor esportivo Luciano do Valle. E vai chegando a hora dos netos cumprimentarem o vovô...

Como de costume, logo após os beijos e abraços, inicia-se o tradicional ritual... O avô tira do bolso de sua camisa um pequeno pente, na maior parte das vezes era marrom – mas podia também ser bege – e começa a pentear os cabelos dos netos. Certamente era um gesto de carinho, pois em geral os cabelos já estavam penteados.



O neto mais velho era quase sempre o primeiro a sentir o deslizar do pequeno pente da tradicionalíssima marca *Flex-a Carioca* em seu couro cabeludo. Devido a questões genéticas, por ter “puxado à sua mãe” nesse quesito, tinha – e ainda tem – cabelos lisos... Ou seja, o famoso ritual era bastante tranquilo e rápido, praticamente indolor. Sorte dele.

Entretanto, o neto mais novo tinha cabelos encaracolados/cacheados... Azar dele. Ao contrário de seu irmão, que havia passado por uma “penteada *light*”, nesse caso a história era diferente – e um tanto dolorida. Nada muito demorado, talvez uns 40 segundos daquele famoso pente tentando deslizar pelo seu couro cabeludo, sob o comando das mãos firmes do vovô. Invariavelmente os “dentinhas” do pente enganchavam nos cachinhos – fato que provocava uma certa expressão de dor no rosto do neto. Pronto, cabelos penteados finalmente.

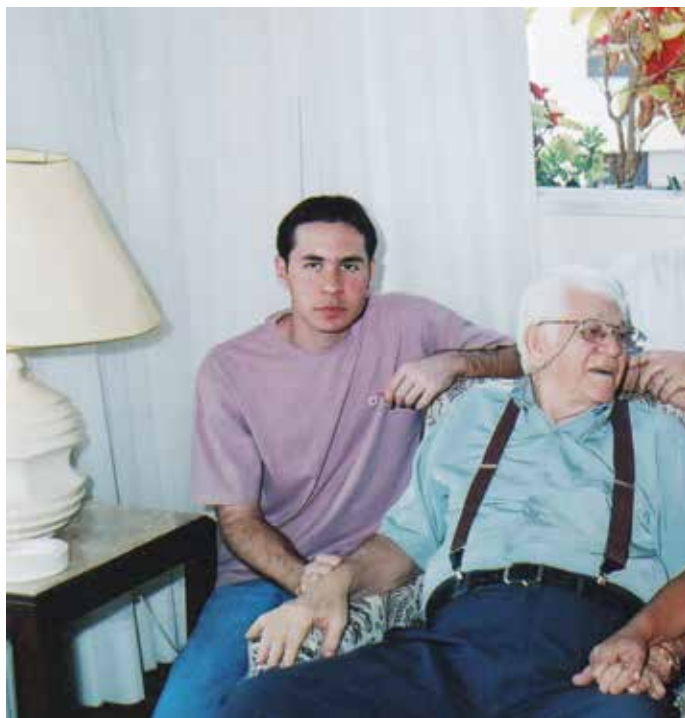
Depois de aproximadamente meia hora, a avó chama para almoçar – a comida está servida. Após a oração feita pela vovó, todos se sentam à mesa e começam a ser servidos pela anfitriã. O nhoque estava sempre divino, era mesmo a sua especialidade. Ela, em certo momento, pergunta ao marido:

“Esequiel, como está o nhoque?”

“Um colosso!” – responde sem pestanejar, acompanhado de uma piscadela.

Mal sabia o vovô que o verdadeiro *Colosso* era ele.

Curitiba, novembro de 2022.



Meu avô

por **André Guidio de Almeida** – Neto

Era um dia de 1998 ou 1999, não me recordo muito bem a data ou o mês, aliás minha memória nunca foi das melhores. Mas me recordo bem do meu avô. Não era Esequiel ou Zico, para mim era vô ou vovô.

Ouvi a porta da cozinha bater. Como acontecia praticamente em todas as manhãs, era ele entrando pra atacar os potes de biscoito da minha mãe. Com o diabetes, obesidade e todas as condições da velhice, minha avó havia sumido com os quitutes ao alcance de mãos ligeiras e adotado uma dieta mais regrada, salvo quando ela preferia fazer as vontades dele, o que sinceramente, acontecia com bastante frequência.

Naquela manhã, resolvi esconder o pote de biscoito de polvilho, como se estivesse vacinando-o de todo o mal. O fato é que ele já havia entrado em casa e passado por TODOS os potes, para chegar até o corredor e me dar aquele “bom-dia, Dedê”.

Ao retornar à cozinha, após a minha corrida para esconder a comida, percebi que ele procurava o “Santo Graal”. Após muitas expressões ilegíveis, resolveu perguntar: “cadê o biscoito?” Eu, com toda a cara de peroba do mundo, respondi que havia acabado. Não sei se ele acreditou ou não, mas lamentou, deu dois tapinhas no balcão e voltou para casa, dois andares abaixo do nosso apartamento.

Nesse dia, entendi que estava perdendo o avô sério na maioria das vezes, que gostava dos netos arrumados, respeitosos e com os cabelos MUITO bem penteados. Mas, que ganhava outro, mais infantil, relaxado e tranquilo.

Certamente a doença tirou muitas características e impôs outras interessantes. O que importa é que me lembro muito bem do meu avô. Lembro-me do fliperama no térreo do apartamento de Piçarras, dos inúmeros pentes pra alisar cachos – e das mãos firmes que os guiavam, do dia em que ganhei dele a coleção de moedas, lembro-me do Corcel amarelo e, posteriormente, do Monza que nunca ficou velho, da “mesadinha”, dos almoços na casa do Edifício Arthur Thomas ou no Rodeio, que ficava ao atravessar a rua, do Gulleys (casa de crepe), em frente à Mesbla, dos dias em que sentava ao lado dele para assistir ao jornal ou qualquer outra coisa que estivesse passando na TV.

Lembro-me ainda do primeiro dia em que deixei de ser sua carona e passei a ser motorista, do dia em que nos reunimos na casa da Rua Riachuelo para observar o cometa Halley, com seu potente binóculo, e dos dias em que sentávamos as três gerações: eu, meu pai, meu irmão e ele, na sacada do apartamento dos meus pais, com um copo de *whisky* e cumbucas de amendoim, escutando histórias dos tempos de antigamente. Àquela altura, a minha avó já havia “exterminado” toda garrafa com qualquer graduação alcoólica, salvo o vinho tinto de mesa, que misturado com água virava, sei lá.... um suco de vinho.

A história que eu mais gostava era de um dia em que ele achou que iria morrer devido ao mau tempo e pediu para o piloto do aviãozinho descer, apontando o polegar para as nuvens que se formavam na rabeta daquela “pipa motorizada”.

Lembro-me, principalmente, de todas as despedidas. Por três vezes fui morar fora do país. Ele fez questão de ir ao aeroporto em todas elas. Depois de longos abraços e sermões de amigos, familiares,

namorada, sogro e etc, era sempre dele o último abraço e nos seus ombros iniciavam as lágrimas.

Talvez por entender que poderia ser esse o último abraço. E assim foi a minha terceira despedida do vovô. Ele nos deixou em um dia especial. Eu morava em Londres. Era aniversário da minha namorada, atual esposa e mãe do meu filho, que nesse dia havia se tornado noiva, após um jantar em um gostoso restaurante italiano, recebendo um anel bem discreto.

Chegamos em casa, recebi a notícia e me despedi, agora para sempre. Com tudo isso não tenho uma última lembrança do meu avô. Não sei se isso é bom ou ruim, mas do vovô só me restaram lembranças felizes.

A ele, o meu muito obrigado!

Londrina, julho de 2022



Altivo e rigoroso, tinha um grande coração

por **Pedro Machado de Almeida** – Neto

Vô Esequiel, como era chamado entre os netos, era um homem sério; diferente da vó Silvandira, tinha o olhar severo e de poucos sorrisos. Sentado em sua cadeira ou em pé conversando com amigos e familiares, observava rigorosamente a “apresentação” e atitude das crianças. E cobrava: “penteie o cabelo”, “tire o boné (para sentar à mesa)”, “não grite”, “pare de correr”, “olha o cadarço”, “lavou as mãos?”, “mas lavou direito?”.

Entre as lembranças mais antigas que tenho do vô Esequiel e da família, sobressaem cenas dele com a Calica, sua cachorrinha fiel e mimada como um bebê, uma pequinês a quem ele se dedicava com grande generosidade. Ela parecia ser feita para ele, com a mesma personalidade – sem ser brincalhona, recebia atenção, carinho e sorrisos de todos, além de passeios e petiscos do dono.

No começo de 1994, em meus primeiros meses estudando em Londrina e morando temporariamente na casa dos avós, lembro-me com saudade de ele me buscar algumas vezes na escola com seu velho Corcel II. Ocasões como aquela me marcaram também pela facilidade com que as pessoas sorriam e falavam com aquele senhor, tão “sisudo” no olhar inocente de criança.



O vô Esequiel ensinava pelo exemplo. Mesmo tendo uma vida profissional e financeira satisfatória e próspera, continuava a frequentar o escritório, já idoso, onde mantinha uma mesa grande e bonita.

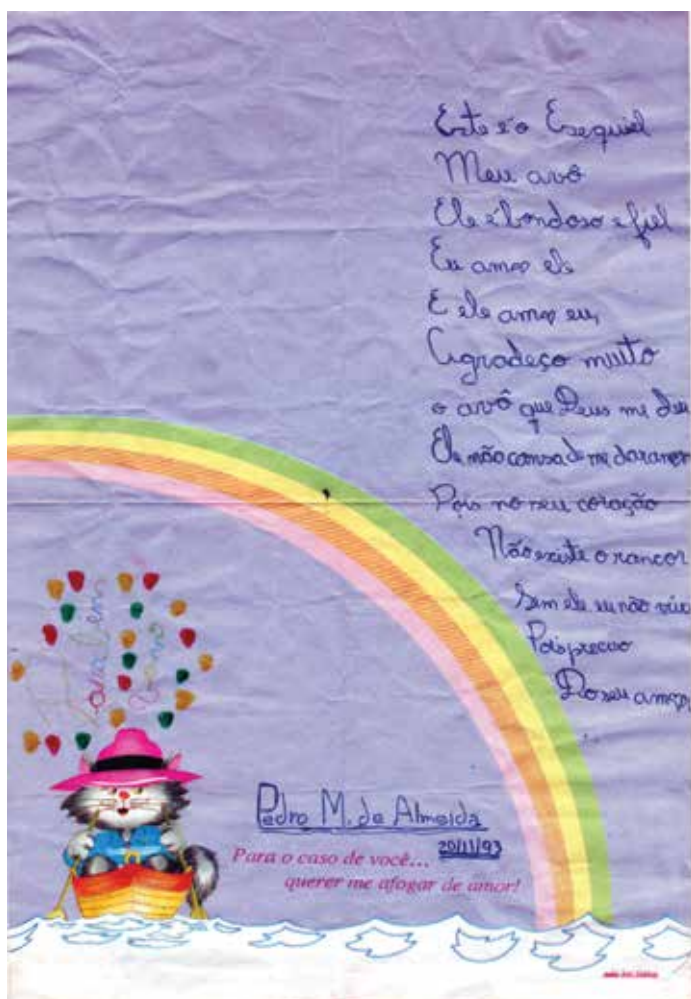
Trabalhou com afinco o quanto e até quando pôde, demonstrando pela prática, mais que pela palavra, o valor do trabalho e da responsabilidade no decorrer de toda a vida. O cuidado que tinha com a família e as amizades, expressão do amor que existia dentro do enorme coração de um homem fruto de seu tempo, foi retribuído quando ele mais precisou, nos anos derradeiros, já debilitado pela idade e uma vida intensa. Com gratidão e amor, a vó Silvandira dispensou a ele todos os cuidados e atenção, com apoio importante dos filhos e filhas

e suas famílias e amigos/amigas, sempre que possível ou necessário.

Na minha juventude, o vô Esequiel já não ia ao escritório; seus passeios eram com os enfermeiros que o auxiliavam com muita boa vontade. Mesmo assim, recebia visitas e, ainda que velhinho e pouco ativo, mantinha-se ativo e sempre bem humorado – sem nunca deixar de cobrar postura e disciplina à mesa.

Como diria ele, um baita avô! Deixou saudades.

Curitiba, novembro de 2022



Razão de minhas raízes sólidas

por **Luana Machado de Almeida** – Neta

Escrever sobre meu avô me faz pensar... nas memórias, na infância, no passado. Mas também no futuro, no envelhecer, na despedida e no morrer.

Quando vô Esequiel fez sua partida, eu tinha vinte e seis anos. As lembranças da convivência com ele remontam ao meu nascimento, graças às fotos que eternizam os momentos e produzem memórias.

Na infância, mesmo morando distante, sempre estive presente. Nas extensas férias na praia, nas comemorações de Natal, nos aniversários e em qualquer ocasião que fosse possível reunir a família.

Ele, junto com a vó Silvandira, valorizava esses momentos onde os familiares, filhos, filhas, noras, genros, netos e neta (sou a única) estavam juntos. Também prezavam muito pelas amizades e os eventos na casa deles sempre reuniam muita gente. Eram excelentes anfitriões. Me lembro com especial carinho do aniversário de 70 anos, do cabelo branco, do apartamento no Edifício Arthur Thomas.

Durante a adolescência, vivendo mais próxima a eles, tive a chance da convivência mais cotidiana e frequente. Foram inúmeros almoços e tardes de domingo em sua casa. Mesmo com o envelhecimento e o

adoecimento, a casa continuava sempre movimentada, com a regência da vó, que cuidava, cozinhava e mimava a todos, sobretudo o vô.

Desses últimos anos de sua vida, me lembro dele suave, brincalhão e generoso. Quando chegou o momento da despedida, não foi fácil, como não costuma ser quando alguém que a gente ama faz a sua partida. Mas mesmo não estando mais entre nós, a vó Silvandira, sua leal companheira, manteve sua memória sempre viva na família. De tudo, agradeço pela oportunidade de ter convivido e aprendido com essas “entidades” abençoadas que são os avôs e as avós. Sei que, se na vida adquiri asas para voar, foi porque sempre tive raízes sólidas para me sustentar. A ele e a ela, meu amor e gratidão.

Brasília, novembro de 2022



Meu irmão Esequiel... quem foi?

por **Carmen Garcia de Almeida** – Irmã

Ele era o mais velho e eu a caçula de cinco irmãos, com uma diferença de 30 anos! Por isso, Esequiel costumava brincar com os amigos, dizendo: “Parece que ela é novinha, porque é baixinha, mas já é velhinha.” E todos riam!...

Uma pessoa boníssima, com quem tive a feliz oportunidade de conviver durante um grande número de anos de nossa maturidade.

Recém-formada na Faculdade de Psicologia em Bauru, onde residia com meus Pais, prestei o Concurso para Docentes da Universidade Estadual de Londrina e, uma vez aprovada, fui convidada a residir em companhia dele e de sua família, por aproximadamente um ano, até o meu casamento.

São inesquecíveis os almoços de domingo, onde era servida a deliciosa comida carinhosamente preparada pela querida Silvandira, sempre regados por um bom Whisky e muitas histórias da mocidade dele, que nos contava também algumas piadas, para descontrair o ambiente e nos fazer felizes!

Não tinha quem não gostasse do Esequiel, que era sempre lembrado por sua “cabeça branca”. Uma pessoa trabalhadora, caridosa,



Esequiel com as duas irmãs caçulas Elvira e Carmen

honesto, de reputação ilibada, o que era e é motivo de muito orgulho, por ser sua irmã!

Companheiro das horas alegres e também das difíceis, foi o ombro amigo que tão bem soube amparar-me nas dificuldades. Foi meu segundo Pai!

Portanto, o legado que nos deixa é de uma história de carinho, lealdade familiar e para com os amigos, bons exemplos e determinação, que nos farão lembrarmos dele, onde estiver, com imenso amor, gratidão e muitas saudades!...



Os irmãos Arídio “Nenê”, Olímpio “Limpinho”, Esequiel “Zico”, Carmen “Carmita” e Elvira “Pequena”, com a Theresinha, no aniversário da tia Nerosa em Bauru.



Esequiel com Olímpio e a sua segunda esposa Nilva Campos Neves. Londrina, agosto de 2003.

Seu Esequiel, uma pessoa especial

por **Elsie Machado de Almeida** – Nora

Conheci seu Esequiel, meu sogro, na formatura do Marcos, em 1975, em Brasília. Recordo-me que, nessa ocasião, ele nos levou a uma pizzaria e pediu pizza de aliche, a preferida da família e justo o sabor que não me agrada, mas como estava nervosa e emocionada por conhecê-los, comi sem nem sentir o gosto. Fui acolhida com carinho e respeito pela família.

A primeira impressão que seu Esequiel me passou foi a de ser uma pessoa de poucas palavras, firme e íntegro. Conforme fomos convivendo, fui descobrindo que atrás daquela aparência séria existia um homem sensível, bem humorado e muito generoso. Era muito discreto, porém estava sempre atento às necessidades de seus filhos e filhas, orientando-os nas finanças e cuidados com a manutenção do carro. Estava sempre disposto a socorrer os amigos, familiares e empregados em suas dificuldades financeiras ou pessoais.

Nas datas comemorativas, seu Esequiel costumava celebrar batendo papo com bom uísque, tornando o ambiente alegre e descontraído. Era bonito de ver a amizade e o carinho com que tratava o tio Limpinho, seu irmão mais velho, e a tia Carmita, a caçula que era muito mimada por eles.

Lembro de suas risadas ao escutar as piadas contadas pela Dona Dulce Portela, saudosa amiga da família, que tinha o dom de fazer rir.

Não posso deixar de mencionar que ele amava cachorros e com eles compartilhava queijos e outros petiscos que estivesse comendo. Andava com um pente no bolso da camisa e um lenço no bolso da calça e estava sempre limpando as bocas sujas e penteando os cabelos rebeldes dos netos, que aceitavam como um carinho.

Seu Esequiel trabalhou e nos ensinou muito. Levo como legado a forma digna como viveu, honesto, dedicado à família e ao trabalho. Envelheceu com dignidade, era dócil e um idoso fácil de conviver, aceitando as suas dificuldades e os cuidados amorosos da Dona Silvandira, sua companheira de quase 60 anos.

Foi o esteio da família e era muito respeitado por todos, guardo no coração boas lembranças e muitas saudades.

Londrina, novembro de 2022

Lembranças do Zico

por **Maria Ângela Bandini** – Sobrinha

Pessoas especiais nunca partem totalmente das nossas vidas. Deixam lembranças que ficam reservadas num cantinho de nossos corações e nos fazem reviver momentos inesquecíveis.

Esekiel foi muito especial para todos que tiveram o privilégio e a felicidade de conviver com ele e, com certeza, foram tocados por sua lucidez, seus conselhos, sua bondade e generosidade.

Minhas lembranças sobre o Zico são, na maioria, muito alegres. Tivemos momentos deliciosos em férias, viagens para a praia ou quando ele e a Silvandira vinham à nossa casa, para visitar o “ramo Paulista da família”.

Ele e minha mãe tinham uma ligação muito especial. Sempre bem humorados, relembravam momentos importantes, alguns felizes outros nem tanto, que de alguma forma marcaram a história da família e dele profundamente.

Comentavam, sempre com alívio, sobre o triste episódio que ele passou aqui em São Paulo, quando, ainda muito jovem, sofreu um sério infarto. Foi um grande susto, mas graças a Deus, milagrosamente, o Zico se recuperou para viver muitos anos feliz e saudável .

Sua passagem por nossas vidas deixou as marcas de suas muitas conquistas, de seu coração bondoso e de seu ombro amigo. Sua história permanece em nossos corações para sempre, porque o tempo não apaga e nada ocupa o lugar de quem amamos.

Obrigada, querido Esequiel, por todos os momentos felizes e repletos de carinho que compartilhamos.

Saudade!

Até um dia...

Mairiporã (SP), novembro 2022.

Esequiel Garcia de Almeida – o saldo de uma vida maravilhosa

por **Alderí Luiz Ferraresi**

Eu sou Alderí Luiz Ferraresi, filho de Spartaco Ferraresi e Mercedes Storti Ferraresi, irmão de Aírton, Altair (Nenê) e Áurea.

O casal Esequiel e Silvândira faz parte de toda a história de vida da minha família. Dentre todos, é a minha vida que mais se entrelaça com a vida deles.

Apesar deste livro tratar do Esequiel, eu não consigo separá-los e, portanto, vou sempre me referir aos dois.

Ainda pequeno, já era um admirador desse casal. Quando ia na casa deles, na Rua Belém, tudo era motivo de muita admiração, mas tinha um detalhe que mais me chamava a atenção: ao anoitecer, quando o Esequiel chegava do trabalho, depois da tradicional festa da chegada, num determinado momento ele ia até a sala, aproximava-se do belo relógio cuco que havia na parede e que eu sempre admirei, puxava um dos pesos para baixo, enquanto o outro subia, para dar corda no relógio e prepará-lo para o dia seguinte. Eu olhava para o relógio, admirando-o e procurando entender como aquilo conseguia marcar as horas. Às vezes eu tinha sorte e conseguia ouvir o bater das horas.

Fui crescendo e a família sempre era surpreendida por alguma ação do nobre casal. Véspera de Natal e o milagre acontecia, eles apareciam com um frango que garantiria o almoço do dia de Natal.

Quando eu tinha 15 anos, em 1959, e já trabalhava desde os meus



Esequiel e Silvandira com Airton Ferraresi, Maria Inês Almeida, Altair Ferraresi Benedetti, Eveti Ferraresi e Alderi Ferraresi. Londrina, 2004.

11 anos numa tipografia, o Esequiel conseguiu um novo trabalho para mim na empresa Cia. de Automóveis Mayrink Góes, devido ao conhecimento que ele tinha com o proprietário, o Sr. Orlando Mayrink Góes. Foi um crescimento muito importante na minha vida, à medida em que fui para um trabalho de melhor qualidade e onde permaneci por cinco anos.

A vontade de estudar era grande, mas a condição financeira da família era pequena. Aqui novamente a benção do casal se fez presente.

Estava terminando o ensino médio, em 1964, e tinha vontade de ir para São Paulo para fazer cursinho e estudar Engenharia Mecânica na Universidade de São Paulo (USP). Como não tínhamos condição financeira nenhuma, eu dependia de um trabalho para poder me manter em São Paulo.

Tendo tomado conhecimento disso, o Esequiel conseguiu, junto a algumas pessoas que ele conhecia, um trabalho num Banco, cuja matriz era aqui em Londrina. Assim, em janeiro de 1965, fui num final de semana para São Paulo e, na segunda-feira, já estava trabalhando, podendo assim, custear, com muita economia, o meu estudo no Cursinho Anglo. Não consegui entrar na Engenharia Mecânica, mas entrei em Física da USP, que, na verdade, era a minha segunda paixão.

Tudo o que o Esequiel havia feito para mim, e que já era muito,

ficou pequeno diante do ele viria a fazer a seguir.

Quando eu estava no meio do Ensino Médio, no segundo colegial, eu comecei a namorar uma menina, Eveti, por quem me apaixonei loucamente. O pai dela entendeu que a família deveria se mudar para São Paulo com a finalidade de abrir um pequeno mercado. Então aconteceu, estava no terceiro colegial, Eveti foi para São Paulo e eu fiquei.

Graças à intervenção do Esequiel, fui estudar em São Paulo, com emprego arrumado, e com isso pude ficar perto da minha primeira grande paixão, a Eveti.

Parecia que tudo estava perfeito, exceto o fato de que o amor entre eu e a Eveti foi crescendo e com ele veio a vontade da união maior, o casamento. Casar! Como casar? O Esequiel mostrou o caminho!

Como todos sabemos, o Esequiel foi funcionário exemplar do Banco do Brasil, praticamente por toda a sua vida. Em outubro do ano em que eu estava em São Paulo, houve um concurso para contratação de novos funcionários para o Banco do Brasil. O Esequiel me mostrou a vantagem de eu fazer o concurso, já que era um dos mais importantes locais de trabalho. E assim, com a sua ajuda, eu fiz a inscrição para o concurso e passei.

Logo em seguida, tomei posse no Banco e Eveti e eu pudemos realizar o nosso sonho do casamento.

Silvandira e Esequiel, agora falo diretamente para vocês. Eu tenho três filhos, Elaine, Rodrigo e Verlaine, e cinco netos, Luiz Felipe, Maria Fernanda, Julia, Carlos Augusto e Daniel, e com absoluta certeza posso lhes dizer que somos uma família feliz e isso tudo é devido à luz com que vocês, tão sabiamente, iluminaram os meus caminhos.

Na linguagem bancária, credito a vocês todo o saldo da vida maravilhosa que me foi proporcionada.

Obrigado para todo o sempre!

Londrina, novembro 2022

Enorme saudade de você, “Seu Zico”

por **Vera Portella** – *Amiga, quase filha*

Mãos inesquecíveis, tão grandes quanto o seu coração e tão generosas quanto ele também. Tudo em abundância, como nos belos cabelos brancos, no calor do abraço e no sorriso acompanhado do “tudo bem, boneca?”

Companheiro de todas as horas, amigo, tão amigo de meu pai, tão pai dos seus filhos e dos filhos de todos.

Dizer da saudade não é nada original, mas como não dá para ser diferente, aqui fica minha enorme saudade de você “Seu Zico”. Você faz muita falta, muita falta mesmo.

Londrina, novembro 2022



Famílias Almeida e Portella em Gramado e trocando o pneu do carro

Meu segundo pai

por **Consuelo Portella** – *Amiga*

Seu Ezequiel! Seu Zico, amado! O que dizer dele? Difícil qualificar tudo. Exemplo de retidão, confiabilidade, doçura, amor. Um porto seguro. Meu segundo pai. A afabilidade personificada. Quanto me sinto privilegiada e grata por tê-lo tido em minha vida. Ele e nossa amada D. Silvandira. Saudades sem fim.

Londrina, agosto 2022

Um livro de boas lembranças*

por **Celso Portella** – Filho do Sr. João e da Da. Dulce



Sr. João Portella

Caro Sr. Esequiel (e, para os mais íntimos, Seu Zico).

Em primeiro lugar, a satisfação de saber que estão todos bem. Depois, a gratidão pelo presente e pelas boas memórias do passado: a lasanha verde da D. Silvandira, as viagens pelo Sul do País e Poços de Caldas; nossas temporadas nas praias; a amizade que ganhei com Marquinhos e Maria Inês; e pelos conselhos dados e nem sempre seguidos.

Poderia escrever um livro inteiro sobre essas boas lembranças e, certamente, por mais que quisesse, não

queria dar a real expressão das cores. O que importa é que elas estão vivas na minha mente e sei que são parte de mim.

Os erros e os acertos, nem sempre podem ser corrigidos ou sacramentados, mas sei que a única verdade do exílio é a saudade. Neste ponto, peço desculpas pela omissão e pela distância e faço do reconhecimento minha maior obrigação. Fico feliz de saber que você está se recuperando bem da saúde e tem sido, como sempre, uma pessoa amiga e importante para meus pais. Devo mais isso.



Famílias Almeida e Portella em Florianópolis



Dulce e João Portella com Silvandira e Esequiel Almeida. Monumento Nacional ao Migrante. Caxias do Sul (RS). 1965

Beijos à Maria Inês, Marquinhos, Márcio, Eneida e suas respectivas proles.

Um beijo especial à queridona D. Silvândira.

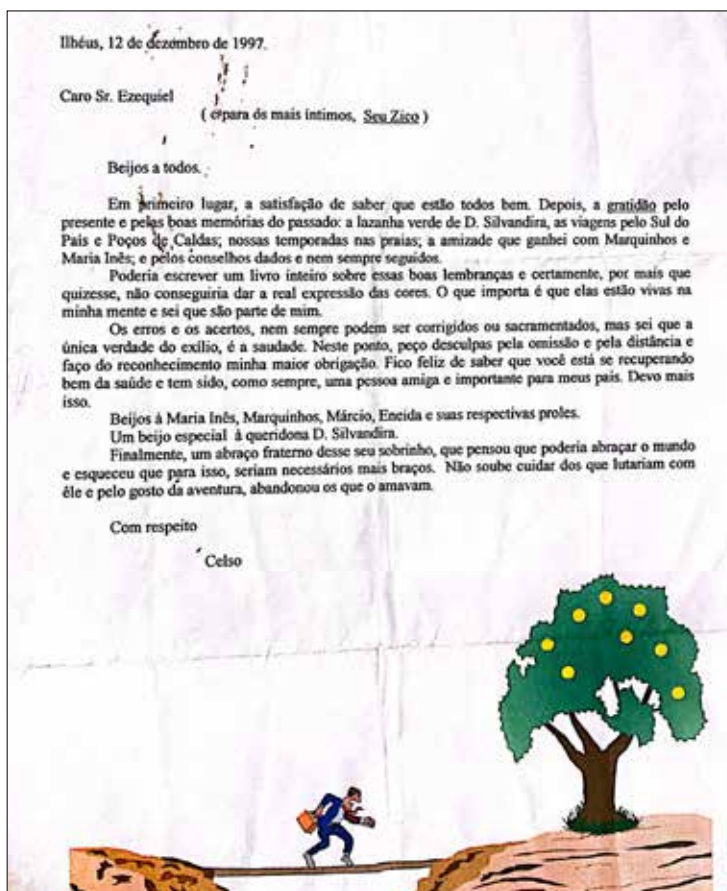
Finalmente, um abraço fraterno desse seu sobrinho, que pensou que poderia abraçar o mundo e esqueceu que, para isso, seriam necessários mais braços. Não soube cuidar dos que lutariam com ele e, pelo gosto da aventura, abandonou os que o amavam.

Com respeito

Celso



Carta escrita em Ilhéus (BA), no dia 12 de dezembro de 1997.



Amigo é coisa pra se guardar...

por **Nelson Bravo** – *Amigo*

O filósofo francês Michel de Montaigne (1533-1592) dedicou à “Amizade” um dos capítulos essenciais de sua obra “Os Ensaaios”. Segundo ele, quem perde um amigo não pensa menos nele, mesmo muitas décadas depois de sua partida, pela fidelidade permanente que os unia, e que o preenchimento dessa lacuna afetiva, regida pela ética, respeito mútuo e generosidade, jamais viria a atenuar-se, mesmo que tivesse sido prevista ou submetida à ação do tempo.

Para mim, sempre será um prazer falar da minha amizade com um amigo tão especial como o inesquecível ZICO. Desde que nos conhecemos, em meados dos anos 1960, em Londrina, aproximados pela contingência de sermos servidores do Banco do Brasil.

Desde então, com ele muito convivi, no trabalho e no lazer, e essa afetividade espontânea, de companheirismo exemplar, só fez aumentar com a passagem do tempo, alicerçada pela nossa afinidade de espírito e simplicidade de vida. Lamentavelmente, eu não mais residia em Londrina quando de sua partida para o eterno, o que impossibilitou-me dar-lhe o último adeus.



Esequiel e Bravo – anos 1990

Como sabemos, o magnetismo pessoal que atrai os homens de bem ampara-se na aceitação recíproca de suas deficiências e vulnerabilidades, amalgamadas à força do caráter e capacidade de perdão, que sempre deveriam nortear as nossas vidas, sobretudo na compreensão de que a essência do homem é espiritual.

Sem exagero, para mim, o amigo ZICO sempre representou um porto seguro, desde meus dias de mocidade. Solada exclusivamente com as cordas do coração, a sinfonia delicada dessa amizade repercute, até hoje, em minha alma, com a sonoridade de um delicado violino.

E o que mais me encantava nesse amigo tão especial era seu espírito prático e decisões firmes, sem reticências, na sua entrega ao trabalho e à família, além de nobreza de caráter. Homem modesto e de simplicidade, em tudo, aposto que se lhe dissessem que um dia viria a ter seu nome estampado em via pública, de Londrina, talvez sorrisse, divertido, mas descartaria tal hipótese, por julgá-la descabida.

Como trabalhador exemplar, e disso sou testemunha pessoal, nosso ZICO ocupou posições importantes no Banco do Brasil de Londrina e de outras cidades do Norte do Paraná, além de licenciarse da Instituição, por algum tempo, por julgar-se injustiçado, pelo nosso patrão, quando foi trabalhar com seu amigo Orlando Mayrink Góes, dono da concessionária Ford local. Em sua rotina cotidiana no Banco, jamais transigia com subordinados que fizessem “corpo mole”, deixassem as coisas de lado, ou não se empenhassem na execução das tarefas.

Ele acompanhou o crescimento da capital do Norte do Paraná desde que ali desembarcou, na década de 1940, ainda solteiro, saindo do interior paulista para tomar posse no BB, aprovado em concurso na região de Bauru, área de suas origens.

Mesmo eu vivendo no Rio de Janeiro, desde 1975, nunca deixamos de nos corresponder, nem deixei de visitá-lo, sempre que ia a Londrina, de férias, ou em visita aos familiares, e que culminaria com meu retorno a essa cidade, mas apenas pelo curto período de 1995 a 1998.

Depois, retornei ao Rio. Por vários anos, também trabalhamos juntos na subagência do BB, em Cambé, chefiada por ele, para onde nos deslocávamos, duas vezes ao dia, em seu carro Aero Willys ou de ônibus comum, que tomávamos na rodoviária de Londrina.

Na época, ele ainda fumava e usava um perfume discreto, mas muito agradável, escolha da Dona Silvandira, sempre cuidadosa na toalete do ZICO, com quem ia regularmente à missa na Catedral e, por vezes, ao cinema, quando a cidade desfrutava de excelentes salas e nos ofertava ótima programação.

Lembro, com clareza, que num de nossos deslocamentos para o trabalho, ao seu lado, no carro, fui acometido de uma crise renal violentíssima. Chegando em Cambé, rolava de dor, pelo chão da Agência, sendo, em seguida, removido por ele para Londrina, onde fui



Esequiel, Bravo e Silvandira – Londrina 1995

internado e operado no Hospital Evangélico, para a extração de enorme cálculo renal, preso no ureter.

Fazendo uma breve digressão sobre a amizade, sabemos que todos vivemos movimentos da espécie com terceiros, mas de forma fragmentária e tangencial, quase sempre de acordo com os nossos interesses e conveniências. Afinal, o outro, é apenas nosso coadjuvante, quando não nosso concorrente potencial.

Daí ser quase impossível fincar nesses movimentos raízes profundas que nos livrem a cara de neles mostrar o que realmente somos: nosso egoísmo, ciúme, inveja ou vaidade, quando não o ódio, repulsa ou

traição. Por mais que disfarçemos e tentemos ocultar essas imperfeições morais, elas continuam rondando e se insinuando indiscretas, ao menor descuido, nas fissuras abertas em nosso caráter.

É oportuno lembrar que o filósofo chinês Lao-Tsé sentenciou: “Não há segredo da alma que o comportamento não revele”. Nosso acervo de disfarces para camuflar o que verdadeiramente somos, pode ser ardiloso, mas será sempre precário e limitado.

Desprovidos da permanência necessária que os habilitem a suportar os ventos e tempestades da vida, esses movimentos de amizade sincera são raríssimos. Reclamam, para manter sua chama ardente e viva, o sopro dos mecanismos da maturidade e a habilidade dos equilibristas.

Regida pela camaradagem, respeito mútuo e nobreza de sentimentos, além de albergar, mesmo sem consciência clara disso, no nosso caso, um compromisso com a realização humana, essa amizade passou a anos-luz das vulgaridades do mundo.

Sabemos, modestamente, que esse tipo de relação só pode florescer no coração de homens bons. Ela passa ao largo de títulos, dinheiro, posses, competição e frivolidades tolas, que tanto infernizam a vida da gente. Cientes disso, precisamos nos lixar para as efemeridades do mundo e seguir com o barco, sem vacilos ou tergiversações.

Fugindo da alienação das convenções idiotas do mundo burocrático e desumano em que vivemos, essas relações fraternas, sem os azedumes da disputa ou da discórdia, estabelecem-se involuntariamente, por nós, por pura intuição.

Espontâneas como a flor do pântano, essas amizades dispensam manuais de boas maneiras e tratados eruditos de Filosofia. Lembram a flor improvável do poema “A Flor e a Náusea”, do amigo Carlos Drummond de Andrade, que assim surgiu, para espanto de todos: “Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio”.



Memória

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do *Mão*.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
a palma da mão.

Mas as coisas finas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

(Luís Fernando de Azevedo)

Por quando amigos Estêvão e I. Silveira,
com o carinho do

Brasil

London, 20/nov/93.



Falar em Drummond, de quem guardo mais de cinquenta breves missivas a mim destinadas, privilégio do qual nunca me julguei merecedor, para exemplificarmos esse tipo de amizade, no campos das artes, impossível não recorrer à extraordinária ligação, estabelecida no século XVI, entre os filósofos franceses Michel de Montaigne e Étienne de La Boétie, exemplo solitário que o mundo intelectual reconhece e admira.

Hoje, com a maturidade e experiência trazidas pelos anos, posso afirmar que são esses saberes e afetos, cultivados por grandes amizades, fatores indispensáveis para preservar nossa saúde mental e dar sentido e originalidade à vida.

Dentre os amigos de geração mais chegados do nosso ZICO, me lembro com nitidez de Thomaz D'Amico e Oswaldo Costa, antigos colegas nossos do BB, ambos também há muitos anos falecidos.

E os poucos momentos desfrutados pelo ZICO, fora de casa, quando não estava acompanhado da Dona Silvandira ou dos filhos, eram para assistir a alguma partida de futebol, na AABB, ou passados na descontração da célebre Sauna Umuarama, ali ao lado do Clube, da qual foi um dos primeiros associados e sempre me levava a tiracolo, de “carona”, aos sábados, como seu convidado.

Uma das imagens marcantes do ZICO, ainda que aleatória, para mim, mas das mais vivas e curiosas, era quando eu morava com colegas do BB, numa “república”, nas “quebradas” da Rua Professor João Cândido. Descendo ou subindo-a, via-o, sempre, com sua chamativa cabeleira branca, contemplando o mundo, da varanda do sétimo andar do Edifício Arthur Thomas, onde residiu por muitos anos, na Alameda Miguel Blasi, atento ao movimento dos frequentadores da área, quase todos “habitueis” do Restaurante Rodeio, ali defronte, bastante popular da cidade*.

Enfim, confesso com prazer que não é incomum sonhar com meu

adorado amigo ZICO, criatura de uma geração mais antiga e conservadora que a minha, mas cuja presença diária, em meu viver, ainda repercute com clareza e muito me ajuda a enfrentar os “perrengues” da existência, pelo prodígio desse afeto lapidado com o tempo, alimentado pela força do magnetismo pessoal que Deus confere a todos nós, e conduzido pelo nosso pensamento, que redesenha a cada dia uma nova linha nos contornos dessa bela amizade.

Ao nosso imenso amigo Zico, portanto, aqui deixo este breve rascunho, com minha eterna gratidão, pela oportunidade de conhecê-lo e trazê-lo no coração, “forever.”

Juiz de Fora, outubro 2022.



**Inaugurado em 1965, o Restaurante Rodeio encerrou as atividades em maio de 2020.*

Companheiro de trabalho exemplar!

por **Leonan Braga** – *Amigo*

Sempre terei o maior orgulho de ter tido um companheiro de trabalho como o nosso querido Esequiel. Conheci-o logo que comecei minha vida profissional, como funcionário do Banco do Brasil S.A., aos 20 anos.

Aprendi muita coisa com ele, em especial a dedicação ao trabalho e o respeito às regras impostas pelas instruções do Banco. Trabalhei por 31 anos nessa maravilhosa Instituição, que foi a melhor escolha que fiz na vida.

Colegas que se tornaram quase irmãos, tamanho o respeito e as eventuais ajudas que trocávamos para aperfeiçoar a cada dia o nosso companheirismo, que era a marca dos colegas de trabalho.

Trabalhar ao lado do Zico foi o maior orgulho que tive. Tenho só boas lembranças da Dona Silvandira e de todos da família GARCIA DE ALMEIDA.

Iniciei em 1959 e me aposentei em 1990.

Londrina, novembro de 2022.



Leonan, Esequiel e Silvandra – Comemoração dos 30 anos do Comtrat – 2007

Senhor Esequiel na brisa do mar

por **Marlene de Rezende Ambrósio** – *Amiga*

Mês de fevereiro de 2005, férias em Florianópolis, Santa Catarina, Praia dos Ingleses. A brisa do mar aquece pensamentos de um bom descanso. Senhor Esequiel comenta com sua esposa: “Silvandira, o hotel já está pago! Paguei com antecedência! Tudo pago! Que sossego!” E a brisa do mar leva o agradável sossego da paz!

Caminhadas na praia e no almoço, todos nós em sorrisos. Sr. Esequiel, Silvandira, Maria Inês, meu filho Maurício e eu agradecemos o bom encontro. Férias na Praia dos Ingleses, com saudades.

Brasília, novembro 2022.



Romeu e Marlene Ambrosio e filhos no litoral de SC, 2005

Esequiel: presença constante na memória

por **Romeu Ambrósio** – *Amigo*

Esequiel Garcia de Almeida, nosso saudoso Zico. Que saudade do tempo que trabalhamos juntos, sob sua chefia é claro. E mais ainda dos dias de férias em sua companhia, nas praias de Santa Catarina. Olha que nos trinta e dois anos de BB, metade desse tempo em Brasília, não foram poucos os colegas de trabalho. Muitos! Muitos, mesmo!

São tantos, que não é possível lembrar de muitos deles. Mas quando a saudade daqueles tempos chega, a figura do querido Esequiel é presença constante. Um exemplo de vida e de pessoa íntegra, que me inspira o tempo todo. Fico muito feliz pelas homenagens preparadas para esse grande amigo. Um forte abraço a todos os seus filhos, parentes e amigos.

Romeu Ambrósio

Brasília, novembro 2022.

Esequiel empresta o nome a uma avenida

por **Sandra Graça** – Vereadora e amiga da família

Conhecer, conviver e desfrutar da amizade da Família Almeida é para mim um privilégio. Marcio foi um grande parceiro no Legislativo londrinense e me oportunizou conhecer a amável e inesquecível D. Silvandira e também eternizar um pouquinho da caminhada e do legado dessa família, nominando, através de um Projeto de Lei, uma Avenida de Londrina com o nome do patriarca da família, Sr. Esequiel Garcia de Almeida.



Com D. Silvandira, desfrutei dos mais diferenciados momentos e, em cada um deles, sua inteligência, sua doçura e beleza angelical estavam sempre presentes.

Mulher de muita fé e grande sabedoria.

Guardo em meu coração o legado de carinho e a certeza de que o céu recebeu uma grande estrela, cujo brilho nos iluminará sempre.

Londrina, agosto 2022.



Vereadora Sandra Graça entregando para a Sra. Silvandira cópia da Lei Municipal 11.650 que denominou Esequiel Garcia de Almeida uma das avenidas do loteamento Recanto das Tulipas. Presentes: Henriqueta, Carmen, Elsie, Maria Inês e Marcio. Londrina, 2012.



Dirceu Zamarian (caseiro do loteamento), Claudemir, Dewanso (marceneiro que fez a placa), Marcos, Marcio, Eneida, Consuelo, Andre, Thaís e Davi. Dezembro 2022.

Esequiel,

por **Silvandira Ferraresi de Almeida** – *Esposa*

Esequiel.

Não podia deixar de escrever hoje umas linhas para você.

Nos nossos 28 anos de casados, é a primeira vez que passamos separados esta data. Separados, mas tenho a certeza de que nunca estivemos tão juntos.

Hoje, sabemos que o que une realmente é a convivência, a compreensão e a amizade, burilados pelas alegrias e tristezas de cada dia. É o amor na sua forma mais sólida e sincera.

Por tudo o que recebi de você em todos estes anos, por tudo que aprendi, eu agradeço, de coração.

Pelas minhas falhas, impaciência ou negligência, eu peço que me perdoe.

Esteja certo que estou feliz e pedindo a Deus que este encontro de amigos que tão bem se conhecem seja o mais perfeito possível.

Que a proteção que sempre encontramos continue conosco e com os nossos filhos e demais familiares.

Que com os dissabores encontrados tenhamos conseguido construir algo bom dentro de nós e também na nossa luta diária ter dado a Cristo provas do nosso amor e de nossa fidelidade.

Muito carinho. Um beijo,

Silvandira

Londrina, 18 de novembro de 1975 – 1947 = 28.

Esequiel,

não podia deixar de escrever hoje umas linhas para você. Nos nossos 28 anos de casados é a primeira vez que passamos separados esta data. Separados mas tenho a certeza que nunca estivemos tão juntos.

Hoje sabemos que o que une realmente é a convivência, a compreensão e amizade de brulhados pelas alegrias e tristezas de cada dia. É o amor na sua forma mais sólida e sincera.

Por tudo que recebi de você em todos estes anos, por tudo que aprendi eu agradeço de coração.

Pelas minhas falhas, impaciência ou negligência eu peço que me perdoe.

Estou certo que está muito feliz e pedindo a Deus que este encontro de amigos que tão bem se conhecem seja o mais perfeito possível.

Que a proteção que sempre encontramos continue conosco e com os nossos filhos e demais familiares.

Que com os dissabores encontrados tenhamos conseguido construir algo bom dentro de nós e também na nossa luta diária. É dado a Cristo provas do nosso amor e de nossa fidelidade.

Muito carinho

Um beijo,

Silvânia.

Londrina, 18 de setembro de 1975.
1975
-- 28



Silvandira na época do noivado com Esequiel (1946/47).



Esequiel e Silvandira no salão de festas da AABB (década de 1970).



Esequiel e Silvandra, 2003



Esequiel e Silvandra, década de 1980.



Aniversário de Esequiel – 70 anos – novembro 1993.

Silvandira e Esequiel com os netos



Silvandira e Esequiel no Aeroporto de Londrina, Julho 1998



Maria Inês e Davi. Londrina 2012

Árvore Genealógica da Família Garcia de Almeida



Breve histórico da representação inacabada (anexo) da árvore genealógica da Família Garcia de Almeida

Antes de mais nada, faço ênfase sobre o significado do título acima: trata-se de uma “representação gráfica” (em construção) da árvore em si, pois esta é constituída pelas pessoas, vivas ou mortas, com seus dados de identificação e histórias de vida, que descendem do casal João Garcia de Almeida e Julia Teixeira. Ou seja, a verdadeira árvore é rica em informações, vivências, sonhos, projetos, conquistas, derrotas e é viva “ad eternum”. A sua representação gráfica continuará viva enquanto existir alguém da família que cuide dela, que atualize as informações (atuais, pretéritas e futuras) sobre seus vários “galhos”, “ramos” e “folhas”.

Despretensiosamente e quase que “por acaso”, coube-me tomar a decisão de reunir informações familiares e colocar no papel. Diferentemente do meu outro ramo ascendente, por parte de mãe, a “Família Ferrarese”, nunca tive oportunidade de conversar a respeito da “Família Garcia de Almeida” com meu falecido pai ou meu avô Victoriano. Foi por conta de um encontro casual, em 2017, na casa do Tio Olímpio em Iacanga, que ouvi do primo Antônio Garcia de Almeida, conhecido por todos como “Totonho”, algumas palavras a respeito. (Foto 1)

Lamentavelmente o Totonho faleceu precocemente, em maio de 2019. Não fosse isso, provavelmente teria ido adiante nas suas pesquisas

e hoje teríamos um produto muito melhor do que este que temos. De lá para cá, debruçado sobre a produção de um livro sobre “Memórias & Legados” do meu pai, Esequiel Garcia de Almeida, cujo centenário de nascimento comemoramos em novembro deste ano, obtive algumas informações com a minha tia Carmen (Carmita).

Recentemente, por ocasião das comemorações em Arealva dos 80 anos da Eunice Garcia de Almeida, (Nicinha), filha de Cyro Garcia de Almeida, irmão do meu avô Victoriano, outras informações chegaram. (Fotos 2 e 3) Informações valiosas, muitas delas verdadeiras novidades para mim. A “Festa da Nicinha” foi mais do que fonte de informações: foi fonte de confraternizações, de resgates de passados e presentes.

Foi também ponto de (re)encontros. Como o que se deu com relação à Zilma, filha do Milton e neta do Antônio Garcia de Almeida, o irmão mais velho do meu avô. Junto com a Zilma estava sua mãe, Maria das Dores Teixeira, “Mariquita”. Por residirem em Curitiba, tivemos posteriormente à festa do aniversário da Nicinha, oportunidade de mais conversas. (Foto 4)

Durante a festa em Arealva, conheci algumas pessoas que já vêm realizando por conta própria suas “pesquisas” sobre a família como o Marcus, um dos filhos da Nicinha e a Ana Paula Garcia, neta do Astor Garcia de Almeida, filho de Antônio Garcia de Almeida, outro irmão do meu avô Victoriano. Eles inclusive falaram-me de um software (My Heritage) que é uma plataforma de gestão de estruturas genealógicas. Parece ser essa também a forma como outro “primo”, o Carlos Garcia de Almeida, “Carlinhos” ou “Cal”, filho do Vivaldo e neto do Antonio Garcia, morador em Várzea Grande, MT, vem realizando suas pesquisas familiares.

Até tentei acessar essa plataforma... mas as minhas limitações com essas ferramentas tecnológicas e a razão principal do meu interesse, o livro sobre os legados e memórias do meu pai, com os seus prazos de produção, fizeram-me delimitar as buscas. Assim, esta representação

gráfica da árvore da família, está bastante limitada e incipiente. O único galho mais frondoso é o decorrente das uniões entre o meu avô Victoriano e as minhas avós Augusta e Theresinha.

Peço antecipadamente desculpas aos primos e primas, de primeiras, de segundas e de terceiras gerações pelos seus esquilidos ramos e galhos... Mas é a contribuição que consigo dar neste momento. Espero que a “adubação” dela, com mais informações e detalhes, prossiga e para isso temos na família pessoas muito mais capacitadas e mais disponíveis.

Obrigado a todos, aos citados e aos que involuntariamente omiti, pela disposição em conversar a respeito e pela coragem de abrir seus “baús”.

Londrina-Curitiba, setembro-novembro de 2023.

Marcio José de Almeida

Filho de Esequiel Garcia de Almeida & Silvandira Ferraresi

Neto de Victoriano Garcia de Almeida & Maria Aparecida Bollini e também

Neto de Remo Ferraresi & Augusta Corci

Bisneto de João Garcia de Almeida & Julia Teixeira e também

Bisneto de Primo Ferraresi e Emma Cimonetti



Foto 1. Antônio Garcia de Almeida (Totonho) e Carmen Garcia de Almeida, Iacanga, 2017



Foto 2. Aniversário de 80 anos da “Ncinha”. Arealva, 15/7/2023



Foto 3. Em pé: Marlene, Milton, Zilma e Pamela.
Sentados: Julia, Nicinha, Mariquita e Thiago. Arealva, 15/7/2023



Foto 4. Marcio, Maria das Dores "Mariquita" e Zilma. Curitiba, 6/8/2023

Síntese dos legados

Nuvem de Palavras (características pessoais) contidas nos depoimentos sobre Esequiel Garcia de Almeida



9 786500 707991